EXCLUSIVO
OS SEGREDOS DO SUCESSO DE JÜRGEN KLOPP, O SUPERTREINADOR DO LIVERPOOL

IDEIAS
A REVOLUÇÃO CONSERVADORA DO GÊNIO HOLANDÊS JOHAN CRUIJFF NOS ANOS 1960 E 1970

IDADE É DOCUMENTO?
POR QUE JOGADORES COMO VEIGA E GABIGOL JÁ NÃO INTERESSAM AOS TIMES DA EUROPA

PLACAR

Abril
ED. 1489 JULHO 2022 R$ 15,00
7 893614 112428

ANTONY
RAPHINHA
RODRYGO
VINICIUS JR.

VAI PRA CIMA!

CABE UM PEDIDO A TITE: PONHA PARA JOGAR OS JOVENS ANTONY, RAPHINHA, RODRYGO E VINICIUS JR. ELES PODEM REPRESENTAR O FIM DA NEYMARDEPENDÊNCIA NO CATAR

+ TABELA COMPLETA DA COPA DO MUNDO

NOTÍCIA
NÃO TEM
INTERVALO.

ENTRE VINICIUS JR. E KLOPP

A redação de PLACAR começou o mês com um bom dilema: o que colocar como chamada principal desta edição de julho. Havia dois caminhos, e ambos dependiam do resultado da final da Champions League, entre Real Madrid e Liverpool, em 28 de maio. Quem ganhasse levava a capa. Os espanhóis venceram por 1 a 0. E, então, Vinicius Jr., autor do gol em Paris — um dos quatro jovens mosqueteiros a serviço de Tite, ao lado de Raphinha, Antony e Rodrygo —, saiu na frente. A outra excelente escolha, caso o título ficasse na terra dos Beatles, era o perfil exclusivo do treinador alemão Jürgen Klopp. Nada mau, não? Duas belas histórias disputando espaço em PLACAR.

A reportagem de capa — um apelo para que Tite ponha em campo a rapaziada jovem, se não todos ao mesmo tempo, mas que ao menos os tenha em consideração seriamente — é resultado do trabalho minucioso do repórter Klaus Richmond e do editor Luiz Felipe Castro. O perfil de Klopp é do jornalista holandês radicado em Londres, Arthur Renard. Foi ele quem procurou PLACAR, há algum tempo, com um e-mail promissor. "Tenho conversado com o Jürgen Klopp, que acaba de chegar à final da Champions com o Liverpool. Imaginei que PLACAR pudesse se interessar." Claro que sim. As duas reportagens compõem um rico cardápio. Delicie-se, também, com o retrato do Brasileirão de futebol feminino, que vai bem, obrigado, mas pede firme atenção, como mostram as repórteres Maria Fernanda Lemos e Mariáh Magalhães. Aproveite

ARQUIVO PESSOAL

O jornalista holandês Arthur Renard com Jürgen Klopp em Liverpool: perfil exclusivo

Vinicius Jr., autor do gol do Real Madrid contra o Liverpool: o campeão da Champions abriu espaço na capa de PLACAR

THOMAS COEX/AFP

as inteligentes observações da reportagem "Idade é documento", de Guilherme Azevedo e Leandro Miranda, que responde a uma dúvida: por que alguns grandes jogadores, já com pouco mais de 25 anos, cracaços de bola como Raphael Veiga, não foram para a Europa?

***

Em clima de Copa, agora que todas as 32 seleções estão definidas, PLACAR oferece a tabela completa dos jogos no Catar, com horários de Brasília, para guardar. É apenas o primeiríssimo passo da revista, de olho no Mundial. Muito mais virá pela frente, na edição impressa, no site e nas redes sociais. Ano de Copa é sempre divertido para quem lida de modo apaixonado com futebol. Venha conosco!

revistaplacar | @placar

veja.abril.com.br/placar

placar@abril.com.br

ÍNDICE

PRORROGAÇÃO

KAIO LAKAIO

Bia Zaneratto, craque do Palmeiras: estrela de um novo período

CAPA: MONTAGEM COM FOTOS DE LUCAS FIGUEIREDO/CBF E YURI EDMUNDO/EFE

EDITORA Abril
Fundada em 1950

VICTOR CIVITA (1907-1990) ROBERTO CIVITA (1936-2013)

Publisher: Fábio Carvalho

Diretor de Redação: Mauricio Lima

PLACAR

Redator-chefe: Fábio Altman
Editor Assistente: Luiz Felipe Castro
Repórter: Leandro Miranda **Estagiárias:** Maria Fernanda Sousa Lemos e Mariáh Magalhães
Checadora: Andressa Tobita **Editor de Arte:** Daniel Marucci **Designers:** Ana Cristina Chimabuco, Luciana Rivera, Ricardo Horvat Leite e Eric Cavasani Vechi (estagiário) **Fotografia: Editor:** Alexandre Reche **Pesquisadora:** Iara Silvia Brezeguello Rodrigues **Produção Editorial: Supervisora de Editoração/Revisão:** Shirley Souza Sodré **Secretárias de Produção:** Andrea Caitano, Patrícia Villas Bôas Cueva, Vera Fedschenko **Revisoras:** Rosana Tanus, Valquíria Della Pozza **Supervisor de Preparação Digital:** Edval Moreira Vilas Boas

Colaboraram nesta edição: Alexandre Battibugli (fotografia); Sidnei Gil, Tatiana Leonardi, Thamyres Rezende, Tiago Guimarães e Wellington Budim (Dedoc); Kaio Figueredo e Ismael Canosa (pesquisa de fotos); Gabriel Grossi (edição de texto); Guilherme Azevedo, Klaus Richmond, Guiherme Goya, Celzo Unzelte, Stuart Horsfield e Ivan Martins (texto); Julie Barber e Oberdan Machado (ilustração)

DIRETORIA EXECUTIVA DE DESENVOLVIMENTO EDITORIAL E AUDIÊNCIA Andrea Abelleira **DIRETORIA EXECUTIVA DE OPERAÇÕES** Guilherme Valente **DIRETORIA DE MERCADO PUBLICITÁRIO** Jack Blanc **DIRETORIA DE MONETIZAÇÃO E RELACIONAMENTO COM CLIENTES** Erik Carvalho

Redação e Correspondência: Rua Cerro Corá, 2175, lojas 101 a 105, 1º e 2º andares, Vila Romana, São Paulo, SP, CEP 05061-450

PLACAR 1489 (789 3614 11176 6), ano 53, é uma publicação mensal da Editora Abril. Edições anteriores: venda exclusiva em bancas, pelo preço da última edição em banca mais despesa de remessa (sujeito a disponibilidade de estoque). Solicite ao seu jornaleiro. **PLACAR** não admite publicidade redacional.

Serviço ao assinante: Grande São Paulo: (11) 5087-2112
Demais localidades: 0800-7752112
www.abrilsac.com.br
Para assinar: Grande São Paulo: (11) 3347-2121
Demais localidades: 0800-7752828
www.assineabril.com.br

IMPRESSA NA PLURAL INDÚSTRIA GRÁFICA LTDA.
Av. Marcos Penteado de Ulhôa Rodrigues, 700, Tamboré, Santana de Parnaíba, SP, CEP 06543-001

GRUPO Abril

A FINALÍSSIMA DO GÊNIO

Ah, Messi! Craque, gênio, monstro, ET... Mas tantas vezes acusado de não jogar bem com a camisa branca e azul-celeste da seleção argentina. De fato, foram anos sem ganhar um só título por seu país. Até que, no ano passado, veio a Copa América, no Maracanã. E, no início de junho, o troféu da Finalissima, após jogo único contra a Itália (campeã da Euro) no lendário Estádio de Wembley, em Londres. Mais do que o 3 a 0 sobre a Azzurra, o jogo valeu pela garra e a alegria mostradas por nossos vizinhos em campo. A felicidade, o respeito e o amor pelo capitão transparecem nesta foto da entrega do troféu. Aliás, foi a 38ª conquista da carreira profissional de Leo (34 pelo Barcelona, uma pelo Paris Saint-Germain e três pela Argentina), uma a mais que Pelé e quatro a menos que Daniel Alves, o mais premiado de todos os tempos. Convém acompanhá-lo no Catar. Será sua finalíssima Copa.

DANIEL HAMBURY/EFE

PROMESSA É DÍVIDA

A forma física de Ronaldo não poderia mesmo ajudá-lo a cumprir a promessa feita caso o Valladolid, clube que o Fenômeno comprou em 2018, voltasse à primeira divisão do futebol espanhol. Voltou. E então ele teve de pedalar por mais de 500 quilômetros ao lado de sua mulher, Celina Locks. Os dois partiram de Valladolid até Santiago de Compostela em bicicletas elétricas, porque o santo é de barro. Dado o desempenho do Cruzeiro nas primeiras rodadas da Série B deste ano, é bom o chefão da Raposa já ir se preparando.

R. GARCÍA/EFE

BOTA ELES, TITE!

MONTAGEM COM FOTOS DE LUCAS FIGUEIREDO/CBF

Técnico da seleção começa a abrir espaço para jovens que pedem passagem e precisa conciliar seu estilo conservador (marcado pela preferência pelos mais veteranos) com novas doses de ousadia. O hexa no Catar passa pelos garotos

Klaus Richmond e **Luiz Felipe Castro**

A emoção tomou conta do clã dos Bachi, em Caxias do Sul (RS), no início do ano. De folga na terra natal, Tite reuniu familiares e não conteve as lágrimas: "Agora é certeza. Disputarei minha segunda Copa". O comandante da seleção brasileira passara meses de angústia. A melancólica derrota para a Argentina na final da Copa América, naquele Maracanã esvaziado pela pandemia em julho de 2021, foi um duro golpe. O técnico não tem redes sociais, mas acompanha o que a imprensa diz e se viu abalado pelo tom de algumas críticas. Ele se sentia injustiçado, dada a excepcional campanha do Brasil nas Eliminatórias (foi campeão com recorde de pontos, 45, com quarenta gols feitos e cinco sofridos), e está invicto, restando um derradeiro jogo adiado contra a segunda colocada, Argentina.

Raphinha, Vinicius Jr., Antony e Rodrygo: os "perninhas rápidas" trouxeram as soluções que Tite tanto buscava

E, apesar de sempre ter sido prestigiado publicamente pela direção da CBF, mesmo após a troca da diretoria, temia não concluir o ciclo, seja por vontade alheia ou até mesmo própria. Desgostoso, tentou incluir um auxiliar de peso em sua comissão, de modo que houvesse uma nova "vidraça". Não houve acordo, nem com Muricy Ramalho nem com o ex-craque Junior, que preferiu manter o posto de comentarista da Globo. Tite resistiu e viu o cenário mudar. Na última reunião familiar, estava radiante como nunca. O principal motivo: a aparição de uma nova safra de atacantes, que só faz aumentar a esperança pelo hexa.

O momento da virada se deu em Caracas, em 7 de outubro de 2021. O Brasil saiu perdendo para a Venezuela, mas virou para 3 a 1 depois que Tite mandou a campo Raphinha (25 anos), Antony (22) e Vinicius Jr. (21). Os jogos seguintes confirmaram a percepção: a nova geração de atacantes habilidosos tem potencial para acabar com a principal crítica ao escrete canarinho: o marasmo criativo. Até a terminologia em "titês" ganhou frescor e os enfadonhos "externos" viraram "perninhas rápidas". Nos treinos, o técnico também vem tentando adaptar seu dialeto à chamada geração Z. Os meninos invadiram a Granja Comary à medida que Arthur (25), Gabigol (25), Everton Ribeiro (33) e Roberto Firmino (30) perdiam espaço para os três jovens que viraram sobre a Venezuela, mais Rodrygo (21), Bruno Guimarães (24) e Gabriel Martinelli (21). Conhecido pelo estilo conservador, dessa vez Tite tinha pouco a perder e resolveu arriscar. Mas não agiu sozinho.

A comissão técnica dá expediente na CBF de segunda a sexta,

Críticas superadas: Vini Jr. foi o herói da conquista da 14ª Champions do Real Madrid sobre o Liverpool, em Paris

JAVIER SORIANO/AFP

das 10 às 19 horas. Nos escritórios da Barra da Tijuca, a equipe analisa aproximadamente cinquenta "selecionáveis". Um belo dia, surgiu o nome de Raphinha, atacante canhoto revelado pelo Avaí, com boas passagens por Portugal e França, hoje destaque do Leeds United. Tite torceu o nariz. Estava descontente com o rendimento de Everton Cebolinha, David Neres e Bruno Henrique e temia que o jogador gaúcho fosse apenas mais um a confundi-lo. O estafe insistiu, especialmente o filho de Tite, o auxiliar Matheus Bachi. "O lado bom de ter um familiar na comissão é que ele tem mais liberdade para contrariar o chefe", conta um colega próximo. Telefonemas para Marcelo Bielsa, então técnico do Leeds, selaram o fim da resistência. Raphinha é hoje nome praticamente garantido na lista e um dos mais

GAROTOS NA HISTÓRIA

Os cinco títulos mundiais da seleção contaram com a presença de estrelas emergentes — algumas foram vitais para a conquista

Pelé (1958), 17 anos

A Suécia assistiu à coroação de um imberbe rei do futebol. O técnico Vicente Feola mandou a revelação do Santos a campo apenas no terceiro jogo, na vitória por 2 a 0 sobre a União Soviética, com gols de Vavá. A partir daí, só deu Pelé. Um golaço contra o País de Gales, três na semifinal contra a França e dois na decisão com os donos da casa

ACERVO LUIZ CARLOS BARRETO

Amarildo (1962), 22 anos

Quatro anos depois, o Brasil perdeu Pelé, machucado, logo na segunda partida em solo chileno. Coube a Amarildo a missão de substituir o gênio. O "Possesso", como era conhecido o atacante do Botafogo, retribuiu a confiança do técnico Aymoré Moreira com dois gols no jogo mais difícil, contra a Espanha, e mais um tento na decisão com a Checoslováquia

POPPERFOTO/GETTY IMAGES

admirados não apenas pelo talento, mas pela postura.

Tite voltou a sorrir, está leve depois de ter revelado que deixará a seleção após a Copa. O cenário é favorável, com novos valores e mais três nomes de lambuja para convocar (por causa da pandemia, a Fifa aumentou a lista de 23 para 26). A luta, agora, é outra. Ele quer manter-se fiel à linha que considera primordial: ser justo. O dilema é como abrir espaço para os meninos sem preterir Richarlison e Gabriel Jesus, que sempre foram seus homens de confiança. Jesus é o vice-artilheiro desde que Tite assumiu o cargo, em 2016 (dezenove bolas na rede e onze assistências) e o segundo que mais atuou, 56 vezes, atrás somente de Marquinhos, 58. O atacante do Manchester City fortalece a tese dos cautelosos. Em 2018, recebeu a camisa 9 aos 21 anos, mas decepcionou. Não fez um gol sequer no Mundial da Rússia nem nas últimas Eliminatórias.

Apesar do entusiasmo com os novos atacantes, diante dos microfones Tite adota prudência. "Peço calma com Vinicius Jr. e Raphinha", disse antes dos amistosos de

Ensinamentos de "El Loco": Bielsa, então técnico do Leeds, ajudou no chamado de Raphinha

MIKE HEWITT/GETTY IMAGES

Rivellino (1970), 24 anos

Zagallo assumiu a equipe faltando apenas 73 dias para a Copa do México e rapidamente armou o ataque mais fabuloso da história. Para isso, reposicionou Rivellino, meia de origem, como ponta-esquerda. O "Patada Atômica" deslumbrou os mexicanos, com três gols e inúmeros dribles. O craque do Corinthians era o segundo mais jovem do time titular tricampeão, atrás apenas de Clodoaldo (20)

LEMYR MARTINS

Ronaldo (1994), 17 anos

O Fenômeno, então conhecido apenas como Ronaldinho, não entrou um minuto sequer na conquista do tetra nos EUA. No entanto, a surpreendente preferência do técnico Parreira pela estrela do Cruzeiro, a despeito de nomes experientes como Careca e Evair, renderia frutos. Ronaldo já disse diversas vezes que a simples presença no grupo o fez amadurecer para ser a estrela do time nas três Copas seguintes

EUGENIO SAVIO

Kléberson (2002), 23 anos

Destaque no título brasileiro do Athlético Paranaense em 2001, o versátil volante caiu nas graças do técnico Felipão. Começou o Mundial da Coreia do Sul e do Japão na reserva de Juninho, mas entrou bem contra a Costa Rica e a Bélgica e virou titular. Na final com a Alemanha, dominou o meio-campo, acertou um chute no travessão e deu uma assistência para Ronaldo

RICARDO CORREA

PEDRO ERNESTO GUERRA AZEVEDO/SANTOS

Herança boa: Rodrygo nos tempos de "menino da Vila", como Pelé, Robinho e Neymar

junho, na Ásia. "É preciso olhar com mais discernimento para essa situação, senão gera uma expectativa exagerada." Fartura no elenco é bem-vinda, mas o fato de ter mais pretendentes do que vagas pode ser desafiador. "Eu acredito, de verdade, que o Tite arrumou uma baita dor de cabeça. Mudar tudo a menos de seis meses é um risco", avalia Rogério Micale, treinador do Brasil na conquista do ouro olímpico na Rio-2016. "É um pepino porque vai existir pressão pedindo juventude contra uma estrutura sólida." Micale viveu cenário semelhante na corrida pela inédita medalha dourada. Ele precisou modificar o posicionamento de Neymar para bancar a entrada de Luan, então destaque do Grêmio. "Não tem como o Vinicius ficar de fora. Luan foi o meu diferencial e o Vini pode ser o do Tite."

Curiosamente, Micale afirma que abriria mão de um atacante jovem em nome da experiência de Hulk, ídolo do Atlético-MG e principal artilheiro do país aos 35 anos. O ex-lateral Jorginho, campeão mundial em 1994 e auxiliar técnico na Copa de 2010, também vê com reservas o excesso de euforia em torno da nova geração. "Em 1994, sabíamos que o Ronaldo *(então com 17 anos)* era diferenciado, mas estava muito cru. Copa do Mundo é outra coisa", diz o atual técnico do Atlético-GO. "Nos EUA, Ronaldo estava mais deslumbrado do que concentrado.

"NÃO BASTA SER JOVEM SEM ESTAR PRONTO"

Campeão olímpico em Tóquio, o técnico André Jardine trabalhou com boa parte da nova safra de atacantes

Você conhece bem esta nova geração. Quem mais chama atenção? Na seleção olímpica, o momento do Antony era muito bom, vinha conquistando espaço de forma impressionante e é um nome forte na briga com o Raphinha. O Bruno Guimarães também. Sempre o enxergamos como muito acima da média. Tem ambição, preparação e força mental muito grandes, fiz questão de falar para o Tite como era diferenciado. Ganharam espaço na hora certa.

Em Tóquio, você preteriu jovens para a inclusão de três jogadores acima da idade. O que você acha que Tite deve fazer para a Copa? Ele precisa buscar jogadores que deem segurança, pois não poderemos falhar diante de Argentina, França ou Alemanha. Não adianta ser jovem sem estar pronto. O Vinicius Jr.,

LUCAS FIGUEIREDO/CBF

Jardine e o ouro: o técnico gaúcho está hoje no Atlético San Luis, do México

BUDA MENDES/GETTY IMAGES

O líder que faltou a ele: Neymar sempre foi o ídolo da geração de Antony e companhia

Por isso, em 2010 optamos por não levar nenhum jogador pouco testado", explica, referindo-se à não convocação de Ganso e Neymar, prodígios do Santos.

Junto com Raphinha, Vinicius Jr. é, sem dúvida, a bola da vez. Tite relutou enquanto pôde até dar chances à jovem estrela carioca. Incomodava-se com tomadas de decisão equivocadas e temia que a pressão sobre ele fosse muito grande. Afirmou mais de uma vez que o garoto ainda não era um "produto pronto", causando desconforto também por comparações com seu companheiro Rodrygo, visto como mais refinado. Duramente criticado por não chamar Vini para os confrontos com a Colômbia e a Argentina, no fim do ano passado, Tite contou com um golpe do destino para corrigir o curso.

Entraram em cena uma lesão de Firmino e, principalmente, Carlo Ancelotti, apontado por Tite como sua grande referência na profissão. O gaúcho telefonou ao comandante do Real Madrid para pedir dicas

por exemplo, vem de uma final da Champions como protagonista. O Antony estava bem no Ajax. Na Copa, é preciso ter bagagem de alto nível.

Que outros jovens talentos podem se destacar na seleção hoje? O Rodrygo é um craque na essência, tecnicamente quem mais chega perto da perfeição por dominar todos os fundamentos. Ele agrega muito pela capacidade de jogar por dentro, por fora, mas pesa a questão de ter atuado pouco na temporada passada. Eu vejo o *(Matheus)* Cunha à frente do Martinelli, pois já foi titular e está preparado para assumir espaço. Ele e o Richarlison estão em níveis parecidos, difícil dizer quem é melhor. O Martinelli tem muito potencial, é o mais objetivo de todos.

Falta alguém nessa lista? Eu gosto muito de Paulinho, Malcom, Douglas Luiz e Reinier. O Douglas tem a infeliz condição de brigar com Casemiro e Fabinho, o que não é fácil, e os demais têm potencial muito grande, mas ainda pouca experiência para esta Copa, correm por fora. Na minha visão, eles são o futuro da seleção.

Como lidar com a pressão da imprensa e do público nas convocações? É óbvio que essas opiniões interferem nas reuniões da comissão técnica. Mas a decisão é da equipe, sempre tomada com muito trabalho e observação. Criamos processos para ser justos. Eu, aliás, aprendi isso com o Tite, me espelhei na seleção principal. Nunca tive preguiça de avaliar e reavaliar jogador por jogador para tomar decisões baseadas em justiça.

Qual foi sua escolha mais difícil? Em vários casos discutimos um dia inteiro, até um segundo dia para chegar a uma conclusão. Para mim, não foi nada simples decidir entre Pedrinho e Reinier, os dois mereciam ir à Olimpíada. Optamos pelo Reinier depois de escutar muita gente e consultar outros treinadores até ter tranquilidade para anunciar a escolha. Tenho certeza de que o Tite trabalha na mesma linha: o histórico do jogador, o momento atual e possíveis projeções. Essa é a base da conversa. É como ele me falou uma vez: "Jardine, como tem perninha rápida agora, hein".

LUCAS FIGUEIREDO/CBF

Tite e o filho Matheus Bachi: o auxiliar costuma dar dicas sobre convocação e até bater de frente com o treinador

sobre o melhor posicionamento do atacante e ouviu do maior campeão da Champions que deveria apostar no garoto e lhe dar confiança. Mais do que isso, escutou do italiano que Vinicius Jr. havia insistentemente tratado com ele sobre a necessidade de ser mais objetivo nas finalizações.

Na CBF, Rodrygo, o "Rayo", é considerado o mais talentoso de sua geração, o "craque completo". Menino da Vila como Pelé, Robinho e Neymar, foi destaque do Real Madrid em confrontos decisivos na campanha vitoriosa na Champions, mas ainda não é peça fundamental no time merengue — começou como titular em apenas 25 dos 49 jogos que fez na temporada. Antony foi outro que cavou vaga após brilhar na Olimpíada e fazer gol logo na estreia pelo time principal contra a Venezuela. O atacante canhoto revelado pelo São Paulo realizou, com auxílio do Ajax e de um fisioterapeuta particular, um trabalho de recuperação para não perder o auge físico após uma lesão no tornozelo direito em abril. Resta, agora, definir seu futuro — seus assessores garantem que ele tem três propostas de clubes da Premier League e uma da Série A italiana.

Martinelli acabou de chegar a essa disputa, mas não pode ser ignorado. O campeão olímpico mostrou evolução na oportunidade que recebeu contra a Bolívia, em 29 de março. Em janeiro, tinha 8,8% de porcentual de gordura — considerado bom padrão para um atleta. Dois meses depois, arrancou suspiros internos na CBF ao se apresentar para Tite com 3,6%. É o líder em distâncias percorridas, picos de velocidade e outros números monitorados entre o elenco do Arsenal.

Por fim, Bruno Guimarães também arrancou na reta final. A transferência do Lyon para o Newcastle foi uma aposta certeira. O ídolo do Athletico-PR passou a jogar mais adiantado, com elogiada leitura de jogo, e terminou a temporada com cinco gols em dezessete jogos. De quebra, deu entrevistas em inglês, demonstrando rápida adaptação ao novo lar. Além dos trabalhos com um preparador físico particular, passou a contar com um analista de desempenho para destrinchar seus movimentos.

Historicamente, a aposta em jovens dá certo *(leia mais no quadro da pág. 12)*. Além de Kléberson, a seleção do penta também contava com Gilberto Silva (25), Lúcio (24) e Ronaldinho Gaúcho (22). "Não tive problema algum em convocá-los e colocá-los em campo, pois vinham

LAVANDEIRA JR./EFE

Gabriel Jesus: novato em 2018, ele decepcionou, mas ainda tem prestígio com o técnico

demonstrando nos jogos e nos treinos suas virtudes", lembra Luiz Felipe Scolari.

Em 2018, a seleção de Tite tinha média de idade de 28,1 anos, quase a mesma se comparada à das seleções que fracassaram em 2014 (28,2), 2010 (29,3) e 2006 (28,3). A média da seleção do penta era de 26,8, enquanto a de 1970, de "apenas" 24,5. Na última convocação, para os amistosos na Ásia, os 27 nomes chamados inicialmente atingiram média de 27,1, puxada para cima por Daniel Alves, 39 anos. A teimosia, vale lembrar, já custou caro. Em 2006, Parreira não abdicou do quarteto badalado com Kaká, Ronaldinho, Adriano e Ronaldo — além dos veteraníssimos Cafu e Roberto Carlos nas laterais — para dar espaço a nomes como Robinho, Fred, Cicinho e outros que vinham em alta.

E onde entra Neymar nessa história? O camisa 10 pode ser para esses garotos o líder que ele jamais teve. Os jovens dizem abertamente que o veem como grande ídolo. Rodrygo tem fotos para comprovar, ainda criança, tietando pelos corredores da Vila Belmiro. Richarlison e Vinicius Jr. falam dele como um semideus. De todos os grandes craques produzidos por aqui, Neymar teve a passagem de bastão mais difícil. Pelé aprendeu com Didi e repassou ensinamentos a Rivellino. Na última geração vencedora, Romário, Ronaldo, Rivaldo e Ronaldinho intercalaram momentos de protagonismo. Neymar, por sua vez, é a grande estrela da companhia desde que estreou, aos 18 anos, sem jamais ter tido um parceiro à altura. Agora, aos 30, talvez ele não precise mais resolver tudo sozinho. Como Pelé no México, pode ser o maestro a reger um conjunto de talentos. Passa por Tite, portanto, a coragem de bancar os jovens em seu último ato pela seleção brasileira. ■

O rubro-negro Gabigol, de 25 anos: depois de chance perdida na Europa, voltou e ficou

O alviverde Veiga, de 27: um dos melhores do Brasil na atualidade, nem Tite ele seduziu

FOTOS DE MARCELO CORTES/FLAMENGO E CESAR GRECO/PALMEIRAS

IDADE É DOCUMENTO

É um círculo vicioso. Os jogadores brasileiros são vendidos cada vez mais jovens à Europa e quem fica perde os holofotes — mesmo no auge, não consegue sequer ir para a seleção

Guilherme Azevedo e **Leandro Miranda**

Raphael Veiga, do Palmeiras, e Gabigol, do Flamengo, marcaram juntos mais de 130 gols nos últimos três anos. Em outros tempos, os dois destaques do futebol brasileiro estariam na mira de grandes times europeus, com torcedores preocupados em perder seus craques a cada janela de transferência, e estariam sempre entre os mais cotados nas convocações da seleção. Mas a realidade atual aponta outro cenário: enquanto os "feras" consolidados não atraem interesse das potências da Europa, o Brasil vê atletas sendo negociados cada vez mais jovens, muitas vezes antes mesmo da estreia no profissional. E o motivo para isso pode estar no RG: Veiga tem 27 anos, e Gabigol, quase 26 (lembrando que ele foi para a Inter de Milão aos 20 anos, fracassou, e acabou voltando ao Brasil, inicialmente por empréstimo, dois anos mais tarde).

A crescente atração dos estrangeiros por garotos que mal saíram da adolescência é visível. Talvez o melhor jogador brasileiro da última temporada europeia, Vinicius Jr. trocou o Flamengo pelo Real Madrid em 2018, aos 18 anos, por 45 milhões de euros, acertados antes mesmo de o atacante completar a maioridade. Outros nomes em situação semelhante são Rodrygo, cria do Santos e hoje parceiro de Vini no Real, Antony, vendido pelo São Paulo ao Ajax *(veja reportagem na pág. 10)*, e Martinelli, que o Arsenal levou do Ituano — todos eles em trajetória crescente na seleção *(veja mais no quadro da pág. 20)*.

O diagnóstico para o fenômeno é praticamente unânime entre as fontes ouvidas por PLACAR. Empresários, olheiros, intermediários e dirigentes concordam que é muito difícil encher os olhos de times grandes (e mesmo médios) de centros ricos do exterior depois dos 21 anos. Os motivos principais são dois: todos querem comprar atletas que tenham potencial de revenda e preferem terminar sua formação esportiva lá mesmo, adaptando-os mais rapidamente à realidade de cada país. "Contratar um jogador de 23, 24 anos vai custar caro, o atleta demora a se adaptar e, depois, convencer algum clube a pagar uma quantia que amortize o investimento será mais difícil", diz o analista de desempenho e *scout* Thomaz Freitas. "Por que, então, o Sevilla, por exemplo, vai contratar o Raphael Veiga se há jogadores mais jovens, com preço parecido, que poderiam agregar futuramente com uma venda mais valorizada?" Vynicius Valença, analista de desempenho e consultor tático de atletas, complementa. "O valor de mercado é medido, além do talento, pela idade em que os jogadores se encon-

tram, considerando a margem de tempo em que eles podem seguir atuando em alto nível", diz. Ou seja: o olho não é só no que o atleta entrega hoje, mas no potencial para os próximos anos, dentro e fora de campo.

Além disso, a disputa feroz de mercado praticamente obriga os clubes brasileiros a abrir mão de suas principais promessas antes mesmo da maioridade. Com a sofisticação cada vez mais crescente da rede de olheiros, é comum os times europeus terem extensos relatórios até mesmo de jogadores sub-13 e sub-15. Os meninos são mapeados antes mesmo de o torcedor saber o nome deles. É muito mais provável o Palmeiras ganhar um caminhão de dinheiro por Endrick, fenômeno da base que liderou o Verdão na inédita conquista da Copa São Paulo de Futebol Júnior em janeiro, do que pelos protagonistas das glórias recentes, como Veiga ou Dudu. Como diz um intermediário, que prefere não se identificar, "se não levar logo, outro chega e leva". Foi a lição aprendida pelo Real Madrid após perder Neymar para o Barcelona em 2013.

Isso quer dizer que os melhores em atividade aqui no Brasil não servem nem para o segundo ou terceiro escalões da Europa se não forem prodígios desde a base? A resposta é sim. Principalmente por questões financeiras. "Gabigol, Arrascaeta e Veiga hoje ganham salário na casa do milhão de reais, alto até para o padrão europeu", diz outro recrutador de talentos. "Ou seja, os times médios que gostariam de tê-los não conseguem bancar. E os mais ricos não precisam deles, já contam com opções iguais ou melhores. Então acaba sendo mais negócio para esses atletas permanecerem no Brasil."

PRAZO DE VALIDADE

Joias do futebol brasileiro têm saído do país cada vez mais cedo

Reinier

Depois de apenas quinze jogos pelo Flamengo, o Real Madrid desembolsou 136 milhões de reais pelo meia-atacante, no início de 2020, dias antes de ele fazer 18 anos. Passou a temporada passada emprestado ao Borussia Dortmund, mas praticamente só ficou no banco. Ainda não empolgou e tem futuro incerto.

INSTAGRAM @REINIER.JESUS

Martinelli

Revelação do Ituano, o atacante saltou do interior paulista para o Arsenal em 2019. Revelação do Campeonato Paulista daquele ano, foi comprado pelo time inglês por 30 milhões de reais. Observado por gigantes desde a adolescência, teve adaptação rápida e marcou dezoito gols em suas três primeiras temporadas. Tite gosta dele.

INSTAGRAM @GABRIEL.MARTINELLI

Kayky

Antes mesmo de completar 18 anos, a promessa do Fluminense fechou contrato de venda ao Manchester City e foi tratado na Inglaterra como "Neymar canhoto". Viajou no ano passado, assim que completou a maioridade. Elogiado por Guardiola, passou a ser relacionado e já estreou no time profissional.

INSTAGRAM @KAYKYSC10

RICARDO CHAVES

Zico, o genial Galinho de Quintino da Gávea: em lógica diferente da atual, foi para a Udinese, da Itália, já na casa dos 30 anos

O fenômeno tem outro "efeito colateral": por não jogarem na Europa, esses craques sofrem para vestir a camisa canarinho. Eles ficam numa espécie de limbo. Não são bons o suficiente para brilhar no exterior e, justamente por terem ficado por aqui, não têm visibilidade e não inspiram confiança, mesmo estando no auge da forma. Turbinadas por bilhões de euros, as principais ligas europeias atraem os olhares de todo o mundo, o que se reflete nas convocações de Tite, sempre dominadas por atletas que atuam no exterior. Por mais que torcedores e parte da imprensa clamem por Hulk e Everton Ribeiro, além de Gabigol e Veiga, as oportunidades são cada vez mais raras. Hulk, aliás, esteve em campo no 7 a 1 contra a Alemanha, em 2014. No atual ciclo preparatório para a Copa do Catar, Gabi e Everton Ribeiro tiveram algumas chances, mas não se consolidaram (assim como o colorado Edenilson e o também flamenguista Bruno Henrique, entre outros). Hoje, todos parecem carta fora do baralho para disputar o Mundial.

A lógica do mercado já foi bem diferente — o genial Zico, maior craque do Flamengo, deixou a Gávea para jogar pela Udinese, um time de meio de tabela da Itália, já na casa dos 30 anos. Mas, da mesma forma que o esquema de recrutamento do futebol europeu foi mudando nas últimas décadas, especialistas vislumbram uma possível transformação no horizonte, uma reversão, por causa dos preços cada vez mais altos pagos por garotos ainda em formação. "Acredito que alguns clubes médios da Europa vão voltar a olhar para jogadores 'prontos' no Brasil", afirma Rafael Marques, sócio-fundador da Performa Sports, empresa de consultoria de atletas como Bruno Guimarães. Isso ainda é exceção, mas acontece em campeonatos periféricos (vide a ida de Claudinho para o russo Zenit e de Everton Cebolinha para o português Benfica, ambos aos 24 anos). O último bateu e voltou — será companheiro de Gabigol no Flamengo. Os exemplos e o histórico recente confirmam que, no futebol atual, para o brasileiro que sonha em desfilar pelos gramados dos *big five* (Inglaterra, Espanha, Itália, Alemanha e França) e, consequentemente, aumentar suas chances de vestir a camisa da seleção, idade é documento. ■

A CAMINHO DA FINAL

Grupo A

SENEGAL · HOLANDA · CATAR · EQUADOR

Jogo			Data e local
Senegal	X	Holanda	21/11, segunda-feira, 7h Estádio Al Thumama, Doha
Catar	X	Equador	21/11, segunda-feira, 13h Estádio Al Bayt, Al Khor
Catar	X	Senegal	25/11, sexta-feira, 10h Estádio Al Thumama, Doha
Holanda	X	Equador	25/11, sexta-feira, 13h Estádio Khalifa International, Al Rayyan
Holanda	X	Catar	29/11, terça-feira, 12h Estádio Al Bayt, Al Khor
Equador	X	Senegal	29/11, terça-feira, 12h Estádio Khalifa International, Al Rayyan

Grupo B

INGLATERRA · IRÃ · EUA · PAÍS DE GALES

Jogo			Data e local
Inglaterra	X	Irã	21/11, segunda-feira, 10h Estádio Khalifa International, Al Rayyan
EUA	X	País de Gales	21/11, segunda-feira, 16h Estádio Ahmad Bin Ali, Al Rayyan
País de Gales	X	Irã	25/11, sexta-feira, 7h Estádio Ahmad Bin Ali, Al Rayyan
Inglaterra	X	EUA	25/11, sexta-feira, 16h Estádio Al Bayt, Al Khor
País de Gales	X	Inglaterra	29/11, terça-feira, 16h Estádio Ahmad Bin Ali, Al Rayyan
Irã	X	EUA	29/11, terça-feira, 16h Estádio Al Thumama, Doha

Grupo C

ARGENTINA · A. SAUDITA · MÉXICO · POLÔNIA

Jogo			Data e local
Argentina	X	A. Saudita	22/11, terça-feira, 7h Estádio Lusail, Lusail
México	X	Polônia	22/11, terça-feira, 13h Estádio 974, Doha
Polônia	X	A. Saudita	26/11, sábado, 10h Estádio Education City, Al Rayyan
Argentina	X	México	26/11, sábado, 16h Estádio Lusail, Lusail
Polônia	X	Argentina	30/11, quarta-feira, 16h Estádio 974, Doha
A. Saudita	X	México	30/11, quarta-feira, 16h Estádio Lusail, Lusail

Grupo D

DINAMARCA · TUNÍSIA · FRANÇA · AUSTRÁLIA

Jogo			Data e local
Dinamarca	X	Tunísia	22/11, terça-feira, 10h Estádio Education City, Al Rayyan
França	X	Austrália	22/11, terça-feira, 16h Estádio Al Janoub, Al Wakrah
Tunísia	X	Austrália	26/11, sábado, 7h Estádio Al Janoub, Al Wakrah
França	X	Dinamarca	26/11, sábado, 13h Estádio 974, Doha
Tunísia	X	França	30/11, quarta-feira, 12h Estádio Education City, Al Rayyan
Austrália	X	Dinamarca	30/11, quarta-feira, 12h Estádio Al Janoub, Al Wakrah

Oitavas de final

1 3/12, sábado, 12h
Estádio Khalifa International, Al Rayyan
1º do grupo A X 2º do grupo B

2 3/12, sábado, 16h
Estádio Ahmad Bin Ali, Al Rayyan
1º do grupo C X 2º do grupo D

3 4/12, domingo, 16h
Estádio Al Bayt, Al Khor
1º do grupo B X 2º do grupo A

4 4/12, domingo, 12h
Estádio Al Thumama, Doha
1º do grupo D X 2º do grupo C

Quartas de final

1 9/12, sexta-feira, 16h
Estádio Lusail, Lusail
Vencedor das oitavas 1 X Vencedor das oitavas 2

3 10/12, sábado, 16 h
Estádio Al Bayt, Al Khor
Vencedor das oitavas 3 X Vencedor das oitavas 4

Semifinal 1

13/12, terça-feira, 16h
Estádio Lusail, Lusail
Vencedor das quartas 1 X Vencedor das quartas 2

Final

Vencedor da semifinal 1 X

Decisão do 3º lugar

Perdedor da semifinal 1 X

Pela primeira vez na história um Mundial será disputado em estádios a menos de duas horas de distância uns dos outros

Grupo E

ALEMANHA · JAPÃO · ESPANHA · COSTA RICA

Jogo	Data e local
Alemanha X Japão	23/11, quarta-feira, 10h — Estádio Khalifa International, Al Rayyan
Espanha X Costa Rica	23/11, quarta-feira, 13h — Estádio Al Thumama, Doha
Japão X Costa Rica	27/11, domingo, 7h — Estádio Ahmad Bin Ali, Al Rayyan
Espanha X Alemanha	27/11, domingo, 16h — Estádio Al Bayt, Al Khor
Japão X Espanha	1º/12, quinta-feira, 16h — Estádio Khalifa International, Al Rayyan
Costa Rica X Alemanha	1º/12, quinta-feira, 16h — Estádio Al Bayt, Al Khor

Grupo F

MARROCOS · CROÁCIA · BÉLGICA · CANADÁ

Jogo	Data e local
Marrocos X Croácia	23/11, quarta-feira, 7h — Estádio Al Bayt, Al Khor
Bélgica X Canadá	23/11, quarta-feira, 16h — Estádio Ahmad Bin Ali, Al Rayyan
Bélgica X Marrocos	27/11, domingo, 10h — Estádio Al Thumama, Doha
Croácia X Canadá	27/11, domingo, 13h — Estádio Khalifa International, Al Rayyan
Croácia X Bélgica	1º/12, quinta-feira, 12h — Estádio Ahmad Bin Ali, Al Rayyan
Canadá X Marrocos	1º/12, quinta-feira, 12h — Estádio Al Thumama, Doha

Grupo G

SUÍÇA · CAMARÕES · BRASIL · SÉRVIA

Jogo	Data e local
Suíça X Camarões	24/11, quinta-feira, 7h — Estádio Al Janoub, Al Wakrah
Brasil X Sérvia	24/11, quinta-feira, 16h — Estádio Lusail, Lusail
Camarões X Sérvia	28/11, segunda-feira, 7h — Estádio Al Janoub, Al Wakrah
Brasil X Suíça	28/11, segunda-feira, 13h — Estádio 974, Doha
Camarões X Brasil	2/12, sexta-feira, 16h — Estádio Lusail, Lusail
Sérvia X Suíça	2/12, sexta-feira, 16h — Estádio 974, Doha

Grupo H

URUGUAI · COREIA DO SUL · PORTUGAL · GANA

Jogo	Data e local
Uruguai X Coreia do Sul	24/11, quinta-feira, 10h — Estádio Education City, Al Rayyan
Portugal X Gana	24/11, quinta-feira, 13h — Estádio 974, Doha
Coreia do Sul X Gana	28/11, segunda-feira, 10h — Estádio Education City, Al Rayyan
Portugal X Uruguai	28/11, segunda-feira, 16h — Estádio Lusail, Lusail
Coreia do Sul X Portugal	2/12, sexta-feira, 12h — Estádio Education City, Al Rayyan
Gana X Uruguai	2/12, sexta-feira, 12h — Estádio Al Janoub, Al Wakrah

Oitavas de final

5 5/12, segunda-feira, 12h — Estádio Al Janoub, Al Wakrah
1º do grupo E X *2º do grupo F*

6 5/12, segunda-feira, 16h — Estádio 974, Doha
1º do grupo G X *2º do grupo H*

7 6/12, terça-feira, 12h — Estádio Education City, Al Rayyan
1º do grupo F X *2º do grupo E*

8 6/12, terça-feira, 16h — Estádio Lusail, Lusail
1º do grupo H X *2º do grupo G*

Quartas de final

2 9/12, sexta-feira, 12h — Estádio Education City, Al Rayyan
Vencedor das oitavas 5 X *Vencedor das oitavas 6*

4 10/12, sábado, 12h — Estádio Al Thumama, Doha
Vencedor das oitavas 7 X *Vencedor das oitavas 8*

Semifinal 2

14/12, quarta-feira, 16h — Estádio Al Bayt, Al Khor
Vencedor das quartas 3 X *Vencedor das quartas 4*

18/12, domingo, 12h
Estádio Lusail, Lusail
Vencedor da semifinal 2

17/12, sábado, 12h
Estádio Khalifa International, Al Rayyan
Perdedor da semifinal 2

Erison, o novo xodó botafoguense: de reforço modesto a um dos artilheiros do Brasileirão em apenas seis meses

QUEM SEGURA O INDOMÁVEL TOURO DO GLORIOSO?

O atacante Erison jogava descalço em campos de várzea e sofria com a rejeição em peneiras, por isso começou tarde no profissional. Hoje, aos 23 anos, é a grande estrela de um Botafogo endinheirado que sonha retomar o saudoso caminho dos títulos **Maria Fernanda Lemos**

O físico privilegiado e a força do chute de perna esquerda já impressionavam desde cedo nos campos de várzea do interior de São Paulo. Jogando muitas vezes descalço na terra batida, Erison Danilo de Souza moldou seu faro de gol e sempre sonhou em ser jogador de futebol, mas havia de percorrer um longo caminho até se tornar uma das sensações do Campeonato Brasileiro. O garoto nascido em Campinas e criado em Cosmópolis, cidade de cerca de 70 000 habitantes a 150 quilômetros da capital paulista, foi rejeitado diversas vezes em testes de categorias de base de clubes como Portuguesa, Ponte Preta, Novorizontino e Mogi Mirim, mas resistiu, e ganhou a primeira chance já maior de idade, no XV de Piracicaba. Hoje, aos 23 anos, "El Toro", como é chamado, brilha com outra camisa alvinegra, bem mais pesada. Erison é o grande protagonista de um Botafogo que retornou animado (e endinheirado) à elite. Indomável, ele quer fazer história em General Severiano.

Erison já tinha 18 anos quando vestiu pela primeira vez a camisa do XV. "Fiz vários testes na vida, sempre com respostas negativas", contou a PLACAR, em entrevista em sua casa, num condomínio de luxo na Barra da Tijuca. "É claro que ficava triste e chateado, era apenas uma criança, um adolescente, mas isso serviu de motivação." O jogador leva uma vida confortável no Rio, ao lado da mulher, Isabele, sua namorada desde a adolescência, e do filho do casal, Pietro, de 4 anos, mas quase pôs tudo a perder em um momento de frustração. Dias antes do início da Copa São Paulo de Futebol Júnior, em 2018, largou o alojamento em Piracicaba e voltou para Cosmópolis. Salvaram-lhe para o futebol conversas com técnicos e familiares. E o touro segue firme e forte.

Distante do pai, Erison teve em sua mãe, dona Aparecida, uma figura essencial. Filho mais velho de cinco irmãos, chegou a conciliar as peladas com dois trabalhos, um ao lado do avô, como ajudante de pedreiro, e posteriormente com o padrasto, colhendo laranjas na roça, para ajudar nas contas domésticas. "Já faltou energia em casa, às vezes minha mãe não tinha condições de comprar além do arroz e feijão, mas graças a Deus hoje temos uma vida boa", diz. A bola, no entanto, era amiga inseparável — levava a redonda consigo até para ir ao mercado. No fim de 2017, após brilhar em um torneio de várzea, foi enfim aprovado no sub-20 do XV de Piracicaba. "Quando cheguei não tinha experiência alguma. Por isso, coloquei na minha cabeça que precisava melhorar a cada dia. Se os garotos treinavam 100%, eu precisava treinar 200%", afirma. Em dez dias, ele já estava convocado para a Copa São Paulo.

Em seguida, Erison foi titular da equipe no Paulistão sub-20 e artilheiro do time, mas ainda demonstrava um comportamento arredio. Na sequência, subiu para o profissional e, com bons desempenhos, foi emprestado ao Figueirense. Em Santa Catarina, disputou apenas dez partidas e retornou a Piracicaba, ainda com futuro incerto. Em 2021, foi novamente cedido, dessa vez ao Brasil de Pelotas, o time de pior campanha na Série B naquele ano. Erison foi um dos destaques da equipe gaúcha na etapa final do campeonato, com oito gols em dezenove jogos, não o suficiente para evitar a queda do time gaúcho para a terceira divisão, mas o bastante para chamar atenção do Botafogo.

O camisa 89 foi o primeiro reforço anunciado pelo Glorioso para a temporada, como uma aposta do ex-diretor de futebol do clube Eduardo Freeland, ainda antes da oficialização do modelo de Sociedade Anônima de Futebol (SAF). "Quando soube do interesse do Botafogo, aceitei de olhos fechados. Imediatamente passou um filme com todos os percalços que tive e pus na cabeça que era a minha chance de conquistar coisas grandes", relata o jogador. Desde então Erison passou de desconhecido a xodó da torcida em seis meses de clube. A cada gol, comemora fazendo jus ao apelido que recebeu, imitando um touro. "Recebo muitos vídeos de adultos, crianças e até avós fazendo a comemoração e fico feliz."

VITOR SILVA/BOTAFOGO

A marca registrada do chute na bandeirinha de escanteio, em comemoração que decidiu aposentar : "Hoje em dia tem muito 'mi-mi-mi'"

"Pegou mesmo", diverte-se. O complemento do festejo, uma "voadora" na bandeirinha de escanteio, porém, teve de ser aposentado. "Resolvi parar, porque hoje em dia o futebol tem muito 'mi-mi-mi'. A confusão se deu em um clássico contra o Fluminense, no qual Erison chutou a bandeira de corner nas cores do Tricolor. "Alguns torcedores ficaram chateados, mas sempre deixei claro que não foi por desrespeito algum. Sinto saudade de comemorar assim, mas entendo também o lado deles." "El Toro" foi o carrasco dos maiores rivais do Botafogo. Marcou e foi decisivo contra o Vasco e o Fluminense no Carioca, e fez o gol da vitória sobre o Flamengo pelo Brasileirão, após corte desconcertante no consagrado zagueiro David Luiz e uma bomba de fora da área. Um lance bem ao seu estilo.

O investimento financeiro do empresário americano John Textor na primeira janela de transferência do Botafogo foi de cerca de 65 milhões de reais e colocou o clube alvinegro na ponta da lista de times que mais gastaram em 2022. O início ainda é cambaleante, e o novo dono deixa claro que o projeto é de médio a longo prazo. É fato, porém, que Erison é o melhor reforço até aqui pinçado antes do aporte financeiro e moldado nos campos de várzea. Textor sabe o talento que tem em

mãos e vê como prioridade estender o contrato do atleta (por ora, vai até 2023) e aumentar a porcentagem dos direitos econômicos do clube com o atacante, hoje de apenas 10%. Uma forma de manter "El Touro" "calmo", nos braços da torcida e cheio de esperança. "Vamos brigar, sim, por vaga na Libertadores e por títulos, não queremos só nos manter na elite. Quero ser campeão pelo Fogão." É bom segurar o touro. ■

REPRODUÇÃO

Favarin, nos tempos de XV: hoje ele é auxiliar do Cuiabá na primeira divisão

"ERA SÓ UMA QUESTÃO DE LAPIDAR ESSE TALENTO"

Diego Favarin, o primeiro treinador de Erison, relembra a chegada do forte, mas imaturo, atacante ao elenco do XV de Piracicaba. Ele garante: não tinha medo da cara feia do tourinho

Diferentemente de tantos outros treinadores por quem Erison passou batido nas peneiras e testes que realizou, Diego Favarin não demorou a notar o potencial do garoto de Cosmópolis assim que ele chegou a Piracicaba após se destacar em um torneio amador e passar apenas duas semanas na base da Inter de Limeira. "Vi nele muita vontade de vencer e acreditei no processo de amadurecimento. Estava claro que havia um talento a ser lapidado", relembra o então técnico do sub-20 do XV de Piracicaba.

Em pouco tempo, Erison conseguiu compensar a defasagem na formação tática com um futebol aguerrido e uma mentalidade de campeão. "Meu trabalho se baseou justamente em mostrar a ele a importância do compromisso com o coletivo e o melhor posicionamento tático. Com a bola ele sabia o que fazer." Erison era mais mirrado, um touro filhote, por assim dizer, mas um tanto arredio. "Houve desgastes naturais do processo, ele ficava bem chateado ao ser substituído", ri Favarin, que não tinha nenhum receio de contrariar o artilheiro. Erison admite que não foi fácil domá-lo. "Eu sou competitivo mesmo, não gosto de perder nem brincando com meu filho no videogame, mas hoje me tornei um atleta disciplinado."

Depois de passar pela base do XV de Piracicaba, Favarin trabalhou como auxiliar do Red Bull Bragantino e recentemente passou a integrar a comissão do português António Oliveira, no Cuiabá. Mestre e pupilo, portanto, chegaram à elite do futebol nacional. Mais cedo ou mais tarde, o talento há de prevalecer.

EXCLUSIVO

O CÉU É O LIMITE

O extraordinário trabalho de Jürgen Klopp no Liverpool mostra que nem sempre o vencedor faz tudo certo e o perdedor, tudo errado. PLACAR traça com exclusividade o perfil de um dos grandes treinadores de nosso tempo

Arthur Renard,
de Liverpool (Inglaterra)

Klopp e seu inconfundível sorriso: sempre pronto a dar uma gargalhada durante as entrevistas

Foi num campo de treino em Tenerife, há alguns anos, que Jürgen Klopp e seus assessores descobriram, junto às quadras de tênis do hotel, o paddle. Sem saber do que se tratava, aprenderam que esse é um misto de tênis e squash, em que as paredes podem ser usadas para manter a bola em jogo, e se encantaram. "Não sabíamos nada a respeito, mas começamos a brincar", lembra o treinador. "Pesquisamos as regras na internet e nos tornamos viciados." Klopp e seu assistente Pepijn Lijnders ficaram tão encantados que, tão logo voltaram a Liverpool, pediram ao clube para construir uma quadra em Melwood — e mais tarde, quando foi montado o novo centro de treinamentos em Kirkby, no norte da cidade, passaram a ter duas quadras à disposição.

Por mais que a ideia seja se desligar de tudo entre os treinos, é comum que Klopp e Lijnders acabem encontrando soluções para dilemas futebolísticos. "É sempre uma batalha. Pep joga melhor do que eu, até porque ele é quinze anos mais novo. Mas muitas vezes eu consigo derrotá-lo", diverte-se o treinador ao contar essa história numa das salas do novíssimo campo de treinos AXA. O alemão está bem-humorado e sua inconfundível e contagiante gargalhada enche a sala toda vez que lembra um episódio da carreira ou quer enfatizar algum detalhe do que está falando. O compromisso com a equipe e a intensidade do relacionamento com seus parceiros mais próximos estão sempre entre os temas marcantes da conversa.

A conexão com Lijnders, por exemplo, se fortaleceu nos jogos de paddle — mas já era boa desde 2015, quando Klopp chegou ao Liverpool, vindo do Borussia Dortmund. Na época, o clube inglês pediu a ele que mantivesse dois assistentes, ambos holandeses, em seu staff. "Falei com Mike Gordon *(presidente do Sports Fenway Group, dono do Liverpool)* e ele me disse que gostaria de ficar com o treinador de goleiros, John Achterberg, e como eu não tinha esse profissional no meu grupo, achei ótima ideia, e também com Pepijn Lijnders, que eu não sabia quem era", lembra Klopp. "Ele faz a ponte entre as categorias de base e os profissionais", diz. E assim começou a parceria. "Dois meses depois, eu liguei para o Gordon: 'Você me disse que eu gostaria do Pep. Eu não... Eu estou amando trabalhar com ele!'"

Antes dele, Klopp já tinha uma parceria de longa data com Peter Krawietz, responsável pelas análises de vídeo dos jogadores. Os dois se conheceram quando Klopp ainda era jogador do Mainz, nos anos 1990, e trabalharam juntos quando ele se tornou técnico do próprio Mainz (e, mais tarde, do Borussia). "Até hoje eu me espanto com as coisas que ele observa durante as partidas. Peter tem um talento incrível e é ótimo acompanhar seu crescimento profissional, sobretudo depois que chegamos ao Liverpool", afirma. O sucesso desse quarteto de alemães (Klopp e Krawietz) e holandeses (Achterberg e Lijnders) está na raiz do bom desempenho dos Reds. "Acho que é a melhor parceria de todos os tempos entre os dois países", brinca o treinador, para então soltar mais uma gargalhada.

MARTIN ROSE/BONGARTS/GETTY IMAGES

O jovem zagueiro do Mainz: em 2001, ele saiu do campo para se tornar técnico

No futebol, a Alemanha tem um histórico de vitórias e títulos, enquanto a Holanda sempre se notabilizou pelo jogo bonito. "A gente se diverte dizendo que essa mistura é o segredo, mas não está muito longe da verdade", diz Klopp, admirador confesso do estilo dos vizinhos, desde quando o Ajax encantou a Europa. "A Copa do Mundo de 1974 *(disputada na então Alemanha Ocidental)* é uma das minhas primeiras memórias futebolísticas." O pequeno Jürgen, nascido em Stuttgart, em 16 de junho de 1967, torcia por seu país, é claro, mas ficou admirado com a qualidade daqueles jogadores de camisa laranja. Anos mais tarde, analisando as partidas daquele torneio, ele percebeu o impacto que os dois finalistas tiveram no esporte desde então. "O time alemão era muito forte, com jogadores de alto nível, mas os holandeses eram inacreditáveis também, simplesmente geniais, ridiculamente bons", define.

É desnecessário dizer como a Holanda dos anos 1970 inspirou as gerações futuras. "Eu adoraria ter tido a chance de conhecer Johan Cruijff. Ele influenciou tanta gente com seu futebol total, é um enorme personagem da história do esporte", afirma Klopp *(leia mais sobre Cruijff na pág. 56)*. "Ao mesmo tempo, é raro ver muitos times jogando daquele jeito, porque é muito difícil. É até possível treinar, mas o decisivo é ter os jogadores certos", resume. Para muitos, o Liverpool atual é um dos mais próximos daquela escola holandesa, principalmente no que diz

MICHAEL REGAN/FIFA

A festa mesmo após a derrota para o Real Madrid: dois títulos de Copas e o vice na Premier League

OLI SCARFF/AFP

JOHN POWELL/LIVERPOOL FC

Jogando paddle, misto de tênis e squash: para se desligar de tudo entre os treinos do futebol

respeito à pressão alta na saída de bola do adversário — o melhor jeito de retomar o controle, nas palavras do próprio técnico.

Se hoje ele é considerado um dos maiores do esporte, seu início na profissão foi quase por acaso. No início de 2001, ele era zagueiro do Mainz, time da segunda divisão da Alemanha, quando o diretor de futebol Christian Heidel perguntou se topava assumir o comando da equipe, no meio da temporada. Sua primeira missão foi evitar o rebaixamento. Nos dois anos seguintes, o time quase conseguiu subir para a Bundesliga — até que, em 2004, o sonho se realizou. A campanha do acesso é considerada por Klopp sua maior conquista como treinador. Na época, começou a se tornar popular no país graças ao bom humor e à clareza de suas análises sobre as partidas.

Nem a queda para a Segundona, em 2007, abalou o trabalho. No ano seguinte, foi chamado para comandar o Borussia Dortmund — e rapidamente criou uma fantástica conexão com a torcida, no Westfalenstadion. O clube foi bicampeão alemão, em 2011 e 2012, e chegou à final da UEFA Champions League no ano seguinte (bateu o Real Madrid na semi, mas perdeu a decisão para o Bayern de Munique). No final da temporada 2014-2015, anunciou que começaria um período sabático, mas a parada durou apenas alguns meses. Em outubro, não resistiu ao chamado do Liverpool.

Desde então, a parceria tem se mostrado um grande sucesso. Em 2016, os Reds chegaram à final da Liga Europa. Em seguida, ao término da primeira temporada completa com Klopp no banco, se classificaram para a Champions novamente. Em 2018, onze anos depois da última final até então, chegaram à disputa do título contra o Real Madrid. E repetiram a dose em 2019, quando finalmente bateram o Tottenham para conquistar a Orelhuda pela sexta vez (a primeira desde 2006).

BERND THISSEN/EFE

Painel de agradecimento da torcida do Borussia: bicampeão alemão em cima do Bayern

Com o time de assistentes no novo centro de treinamento do Liverpool: Klopp prefere chamá-los de "parceiros"

Na temporada passada, apesar de duas derrotas amargas, o Liverpool mais uma vez brilhou intensamente. Ganhou tanto a Copa da Inglaterra quanto a Copa da Liga Inglesa. Terminou a Premier League em segundo lugar, com inacreditáveis 92 pontos, apenas um atrás do Manchester City de Pep Guardiola (com essas mesmas 28 vitórias, oito empates e duas derrotas, o clube teria sido o campeão em nove das últimas dez edições do torneio inglês). Na Champions, o time de Anfield chegou novamente à decisão (perdeu para o Real por 1 a 0, num jogo em que o melhor em campo foi o goleiro merengue Courtois) e nem mesmo a decepção impediu a torcida de fazer uma gigantesca festa nas ruas da cidade, com direito a desfile dos jogadores em carro aberto.

Por mais que nos primeiros anos o trabalho de Klopp não tenha se traduzido em medalhas e troféus, é inegável que ele desenvolveu o que os torcedores locais chamam de "fator uau". O técnico relembra aqueles primeiros momentos, sete anos atrás. "Me tornei um recordista de finais perdidas. Não sei o número exato, mas acho que foram seis", diz. "Ao mesmo tempo que queríamos mudar o time e trazer novos jogadores, havia o desejo de criar um estilo de jogo, implantar uma filosofia. Rapidamente tivemos partidas memoráveis (4 a 1 sobre o City em Manchester, 3 a 1 sobre o Chelsea em Londres) e, de repente, conquistamos respeito novamente. Rapidamente, todos pensaram: 'Quando o Liverpool tem a bola, precisamos nos fechar'. E isso não foi bom para nós, hahaha."

Ano após ano, o trabalho vem se aperfeiçoando. "É isso que fazemos e acredito que estamos melhorando", afirma o treinador. "Somos muito sólidos na defesa e conseguimos jogar um bom futebol. Alguns comemoram que ganhamos muito, enquanto outros reclamam que foram poucos títulos. Mas, para mim, isso não é o mais importante. O que mais me interessa é o espetáculo que proporcionamos. Esse é o meu critério de sucesso, é isso que vamos continuar perseguindo", diz. "Eu entendo que as pessoas valorizam mais quem ganha os títulos, mas isso não é tudo. Nem sempre o vencedor faz tudo certo e o perdedor, tudo errado. Nessas horas, o que quero entender é por que ganhamos ou por que perdemos, para amadurecer sempre."

Depois da derrota na final da Champions de 2018, o staff de Klopp passou por uma ruidosa mudança. Zeljko Buvac, seu braço direito, deixou o clube. O substituto era um velho conhecido: Pepijn Lijnders também tinha saído, no início do ano, para treinar o NEC, da Holanda, mas não pensou duas vezes ao ser convidado a retornar a Anfield. "Pep era minha primeira, segunda e terceira opções. Tenho certeza de que será um grande treinador", acredita Klopp. Juntos, eles constroem soluções táticas engenhosas. Uma delas foi fazer um treino secreto com os reservas do Benfica uma semana

ANDREW POWELL/LIVERPOOL FC

antes da final da Champions de 2019, em que os atletas do time português foram orientados a imitar o estilo do Tottenham, adversário na decisão. Tanto naquele ensaio quanto no jogo os Reds conseguiram um gol logo nos primeiros minutos, roubando uma bola no meio seguida de um lançamento longo para Sadio Mané.

Logo depois do título, o Liverpool contratou Vitor Matos (ex-Porto) para o cargo de especialista em desenvolvimento. Ele e Lijnders testam as ideias — sempre com o apoio de Krawietz, com suas análises de vídeo. Mais recentemente, dois treinadores de goleiros foram incorporados à equipe: Jack Robinson e o brasileiro Cláudio Taffarel. Juntos, eles formam um colorido e rico quebra-cabeça. "Todos inspiram todos e isso é maravilhoso, amo esse jeito de trabalhar, pois sei que temos visões muito parecidas e compartilhamos a paixão pelo esporte", celebra Klopp. Pouco antes do final da temporada passada, aliás, o alemão renovou seu contrato com o Liverpool até 2024. Em vez de renegociar o próprio salário, sua única condição foi aumentar o pagamento de todos os "parceiros", como ele prefere chamar o grupo de assistentes.

"Minha maior força é manter essas pessoas unidas e dividir as tarefas de forma que todos possam crescer. Sei que é meu papel tomar as decisões e assumir a responsabilidade, sobretudo em caso de derrota, mas acredito que só vamos nos desenvolver em conjunto", explica o treinador. "Eu não culpo os jogadores, nunca fiz isso. E fico feliz de ver que estamos, cada vez mais, formando um grupo." Segundo ele, é bonito de ver como todos conseguem manter o foco, evitar o nervosismo. E agora? O que esperar de Klopp e do Liverpool na temporada 2022/2023? "Seguimos construindo e seguimos perseguindo o nosso melhor", diz o técnico. "Não estamos nem perto de onde queremos chegar. É isso. O clube está num bom momento, tudo é possível. O que posso garantir é que estou muito feliz com o caminho que estamos trilhando." No mundo todo, os torcedores dos Reds e os amantes do futebol só podem concordar. ■

APENAS O COMEÇO

Em sua décima edição, o Campeonato Brasileiro feminino cresce em nível técnico, interesse popular e apelo publicitário. Mas não se deixe enganar: ainda há muito a ser feito

Maria Fernanda Lemos e **Mariáh Magalhães**

Exatos 5 947 torcedores e torcedoras alviverdes cantaram e vibraram nas arquibancadas do Allianz Parque na vitória do Palmeiras por 2 a 0 sobre o rival Corinthians, pela 11ª rodada do Brasileirão feminino, em 4 de junho. Estabeleceram-se assim o novo recorde de público da arena em um jogo de mulheres e o primeiro triunfo do Verdão sobre a maior potência da modalidade nesta competição. Leila Pereira, a primeira presidente mulher da história alviverde, festejou em seu camarote. Os dois gols de Duda Santos mantiveram as palestrinas no topo do Brasileirão àquela altura da disputa.

Foi uma tarde histórica para o futebol feminino do Palmeiras também no que diz respeito à arrecadação. Diferentemente do que ocorre na maioria dos jogos, a entrada não era franca. Os ingressos foram vendidos a preços populares, é verdade (30 reais a inteira e 15 reais a meia), e o público total passou longe da capacidade máxima de 45 000, mas o recorde batido é mais um sopro de esperança para a modalidade.

Festa palestrina: crianças, jovens, adultos e idosos palmeirenses celebraram a primeira vitória em um dérbi da modalidade

ALEXANDRE BATTIBUGLI

O dérbi paulista é hoje o grande chamariz de um campeonato em ascensão. A palestrina Bia Zaneratto, 28 anos, é a craque do momento. No ano passado, porém, ela não evitou a derrota para o Corinthians de Tamires, Gabi Zanotti e do técnico Arthur Elias na última final, vista por mais de 4,1 milhões de telespectadores da Band. Mais de 220 jornalistas foram credenciados a Itaquera, o dobro em relação a um jogo comum do Brasileirão masculino. Os números chamam a atenção, mas não podem maquiar uma realidade ainda longe do ideal.

Dezesseis clubes disputam a Série A feminina: Corinthians, Avaí/Kindermann, Palmeiras, São Paulo, Santos, Inter, Ferroviária, Grêmio, Flamengo, Cruzeiro, São José, Real Brasília e os quatro que subiram para a elite, Red Bull Bragantino, Atlético-MG, Cresspom-DF e Esmac-PA. Criado em 2012 e organizado pela Confederação Brasileira de Futebol (CBF) desde 2013, o Brasileirão passou por diversas mudanças. As premiações começaram apenas em 2017, ainda com valores irrisórios. Em 2020, o campeão Corinthians

faturou 180 000 reais; no ano passado, o valor subiu para 290 000 reais, um bom aumento, mas que representa apenas 0,87% dos 33 milhões de reais embolsados pelo campeão masculino Atlético-MG.

Soa utópico pedir a justa equiparação — o futebol de homens, desenvolvido com quase um século de antecedência, tem um apelo comercial bem superior —, mas é hora de trabalhar para reduzir o abismo. Como comparação, na Liga dos Campeões feminina, na qual o vice-campeão Barcelona levou mais de 90 000 fãs ao Camp Nou em alguns jogos, a Uefa quadruplicou a premiação total para 24 milhões de euros, sendo 1,4 milhão de euros para o campeão Lyon.

O Brasileirão feminino vendeu seus *naming rights* para a Neoenergia, holding do grupo espanhol Iberdrola, e celebrou a parceria com grandes marcas como Guaraná Antarctica e Riachuelo. A visibilidade também cresceu com partidas exibidas em TV aberta, pela Band, e fechada, pelo SporTV, e gratuitamente na internet pela Eleven Sports. A Globo, que não dá ponto sem nó, já adquiriu direitos a partir de 2024.

Um marco para a modalidade se deu em 2019, quando a CBF impôs aos times que disputam a Série A masculina a criação de uma equipe feminina profissional, provida de assistência e departamento próprios. Gabi Zanotti, estrela do Corinthians, que no início considerou a lei equivocada, por ser impositiva, diz ter mudado de ideia. “O que se faz por obrigação não sai bem-feito, mas, como o machismo é tão enraizado, se não fosse dessa forma, as coisas não aconteceriam”, afirma.

A artilheira alviverde Bia Zaneratto e a multicampeã alvinegra Tamires: alto nível em campo

KAIO LAKAIO

FERNANDO ROBERTO/RED BULL BRAGANTINO

Estreia turbulenta: o Red Bull Bragantino foi rebaixado e se viu envolvido em uma grave denúncia de tentativa de suborno

O investimento ocorre devagar e sempre. O Atlético-MG retomou as atividades em razão da lei e chegou à elite. "Nosso objetivo é nos consolidarmos na primeira divisão e montar um projeto forte para colher os frutos lá na frente", diz a coordenadora do clube, Carolina Melo, ex-Ferroviária, equipe de Araraquara (SP), que é bicampeã da Libertadores feminina.

Há cinco treinadoras na Série A: Rosana Augusto (Red Bull Bragantino), Patrícia Gusmão (Grêmio), Lindsay Camila (Galo), Tatiele Silveira (Santos) e Roberta Batista (Ferroviária). Outra boa nova visa ao futuro. "A CBF criou mais campeonatos, como Brasileirão Sub-17, Sub-20, A2, A3 e a Liga de Desenvolvimento, para atletas até 16 anos. Isso é um grande incentivo à modalidade", diz Aline Xavi, coordenadora do Santos, clube que conta com a artilheira da primeira divisão, a veterana Cristiane, de 37 anos.

Historicamente, a modalidade sempre sobreviveu com as receitas dos homens e empilhou déficits. Até mesmo o Corinthians deve fechar no vermelho: no orçamento para 2022, o clube previu cerca de 8 milhões de reais de receitas brutas e 10 milhões de reais de despesas. O dinheiro vem aumentando, mas é pouco. Ao menos seis clubes da atual edição do Brasileirão têm patrocínio próprio para as equipes femininas. O Inter faz ótima campanha, pois investiu na modalidade 5,5 milhões de reais (dezoito vezes mais que a última premiação ao campeão) em 2022. Para Leonardo Menezes, gerente colorado, há um entrave: a falta de transparência da CBF. "Diversas emissoras transmitem nossas partidas, mas, ao contrário do que acontece no masculino, os direitos de TV ficam todos para a CBF, que diz usar o valor para pagar despesas operacionais das quais não revela detalhes", diz Menezes. Procurada por PLACAR, a confederação fez jogo duro, seguindo uma triste tendência, já que a maioria dos clubes também negou entrevistas. Nos bastidores do Palmeiras, ouvia-se outra realidade decepcionante: nem mesmo a boa fase na tabela faz a diretoria acreditar na modalidade. Para piorar, uma grave denúncia abalou o torneio. O Santos demitiu um funcionário a quem acusou de ter tentado subornar uma atleta do Bragantino, que àquela altura já estava rebaixado. O caso será investigado e pode ter desdobramentos. Em suma, o futebol feminino avançou, mas o caminho a percorrer é árduo. ■

A MELANCOLIA DO NOVO ÍBIS

Nos anos 1980, o clube pernambucano ficou 55 jogos sem vencer e se tornou "o pior time do mundo". Quase quatro décadas depois, o Atlético Mogi superou o recorde na disputa da Segunda Divisão paulista. PLACAR estava lá

Klaus Richmond, com fotos de **Alexandre Battibugli**

E o que parecia impossível aconteceu. Quase quatro décadas depois de PLACAR revelar ao planeta a existência do Íbis Sport Club, eis que um time da Segunda Divisão do Campeonato Paulista (equivalente à Série D do estadual) conseguiu bater o recorde de partidas seguidas sem vencer. Nos anos 1980, a equipe da cidade pernambucana de Paulista, a 16 quilômetros do Recife, ficou 55 jogos só perdendo e (pouco) empatando. O feito rendeu uma menção no *Guinness Book* e a "promoção" a pior time do mundo.

O triste recorde foi superado em 18 de junho de 2022 — e, claro, PLACAR acompanhou a saga. Na hora marcada para o pontapé inicial (13 horas), o Estádio Municipal Francisco Ribeiro Nogueira, o Nogueirão, em Mogi das Cruzes, terra natal de Neymar, a 55 quilômetros da capital, permanecia com os portões fechados. Foi por uma fresta que chegou a informação: "A bilheteria está atrasada. Só vai começar depois das 14 horas", disse um rapaz que trabalhou no agora histórico confronto.

Exatos cinco anos e um dia depois da última vitória, o Atlético Mogi completou a terrível marca de 56 partidas sem festa. O adversário que carimbou o selo de "novo pior time do mundo" atende pelo nome de Manthiqueira. Antes de a bola rolar, Dado Oliveira, ex-presidente e atual treinador, falou para seus comandados: "Os meninos do outro lado são guerreiros como nós. Não quero esculacho, só futebol. Não façam com

A MARCA A SER BATIDA

A última vitória do clube paulista foi em 17 de junho de 2017: 1 a 0 sobre o Real Cubatense

Atlético Mogi-SP (2017 a 2022*)		**Íbis-PE** (1980 a 1984)	
56	jogos	55	partidas
53	derrotas	48	derrotas
3	empates	7	empates
221	gols sofridos	231	gols sofridos
24	gols marcados	25	gols marcados

*até 19/6

eles o que vocês não gostariam de receber", afirmou. Todo de cor de laranja, o escrete de Guaratinguetá massacrou os mogianos: 6 a 0.

Ao saber que a reportagem de PLACAR estava presente, os derrotados ficaram ainda mais... derrotados. "Estou aqui pelo sonho de jogar, entende? Mas não registra meu nome e nem meu rosto, por favor, porque o que aconteceu vai nos prejudicar", resumiu um dos jogadores do Mogi. Na entrada em campo, a tensão era visível. Boa parte dos atletas perfilados escondia o rosto, tentando driblar ao menos as câmeras. A tradicional foto posada antes da bola rolar? Nem pensar. "Olha a nossa situação, não acabem com a nossa carreira", pediu outro.

Fundado em 19 de abril de 2004, o clube conta com o privilégio de atuar em um estádio reformado pela prefeitura para receber os treinos da Bélgica durante a Copa de 2014. O Nogueirão, porém, mais lembrava um velório. No bar mais próximo, muitas cervejas e petiscos sobre as mesas — mas ninguém sequer sabia da partida (e do macabro recorde). "Aqui as arquibanca-

A entrada: alguns jogadores viravam o rosto ou usavam o braço para escondê-lo, diante da derrota anunciada

ALEXANDRE BATTIBUGLI/PLACAR

Atletas bateram boca com os raros curiosos: “Se tirar foto minha, vou processar”

das recebem vinte ou trinta pessoas”, conta o inspetor Silson Sabino, 61 anos, que tem um filho (Bruno Aparecido) entre os ex-atletas do clube. Naquele fatídico sábado, 43 pagantes foram responsáveis pela renda de 525 reais. Entre eles, o produtor de eventos Renato Rocha Fiuza, 46 anos, que se apresenta como fanático por jogos curiosos — uma espécie de “torcedor serial”. Só em 2022, ele já havia comparecido a 158 confrontos. Naquele mesmo dia, tinha presenciado Juventus x São Carlos, pelo Paulista sub-15, e Matsubara x Guarani, pelo sub-17.

Entre o público, familiares e amigos. “Acompanho sempre o sobrinho da minha esposa. Ele trabalha como recepcionista em uma academia, só consegue treinar dois dias por semana, quando

A bola na rede, de novo: naquela tarde, o Atlético Mogi entrou para a história por bater o recorde do Íbis de jogos sem vencer

FOTOS ALEXANDRE BATTIBUGLI/PLACAR

O presidente Roberto Santos *(à esq.)*: gritos no intervalo e nada de entrevista

não cancelam", diz André Oliveira Rocha, 35 anos, que sonha em ver o garoto, o goleiro Rodrigo Ferreira, ser aprovado em peneiras de times maiores. "Meu filho encara mais de duas horas de viagem para chegar a Mogi", emenda Gina Roque, 50 anos, mãe do atacante Thiago Roque.

O Atlético Mogi não paga salário a seus jogadores. Se o campo de jogo é bacana, o de treino, no bairro de Jundiapeba, é precário — há relatos de falta de água no local. Os uniformes são lavados (em casa) pelos abnegados integrantes do elenco e é comum que os treinadores façam também as vezes de preparador de goleiros e até de médico. Nem mesmo a ajuda de custo prometida para o transporte vem sendo paga pelo presidente Roberto Costa dos Santos.

Na atual temporada, o time começou sob o comando de Haru Shimabuku, ex-atacante com passagens por Marília (SP) e União Bandeirante (PR). A parceria durou pouco e Shimabuku foi trocado por Thiago Figueiredo, então seu preparador físico. Os primeiros dias foram alentadores: derrota por apenas 3 a 2 na primeira partida, por 1 a 0 na segunda, e mais um empate em zero — um feito após sucessivas goleadas (com direito a um 7 a 0 e a um 8 a 0). Dias antes da estreia em 2022, um anúncio nas redes sociais procurava "goleiros e meio-campistas (ofensivos e criativos)". Entre as respostas, perguntas curiosas como "qual o salário?". Outra postagem pedia "parceiros, agentes e representantes" dispostos a investimentos. Não houve resposta. O número de telefone registrado na Federação Paulista de Futebol é, na verdade, o do escritório do advogado Joaquim Carlos Paixão Júnior, proprietário do Atlético até 2019. Após "graves prejuízos financeiros" e sem perspectiva de arrumar investidores, "vi a situação de minha família em risco e acabei recuando", explica.

Desde 2009, o homem do futebol é Roberto Santos. Agente e intermediário de negociações, ele participou da maior venda da história do clube: a do atacante Maicon Oliveira ao Volyn, da Ucrânia. Pesam contra ele reclamações de valores abusivos cobrados para federar atletas e um boletim de ocorrência por tentativa de agressão a um funcionário. Santos foge de jornalistas. Viu o jogo de um camarote, ao lado de um segurança e de um dos filhos — outro herdeiro estava em campo, como capitão do time. No intervalo, com o placar marcando 4 a 0, desceu para o vestiário e gritou tanto que os torcedores (e até os adversários) escutaram. "Foi triste, tentamos animar alguns deles no segundo tempo", lembra o meia-atacante Michel Yan, do Manthiqueira.

Nos últimos quarenta anos, o Íbis teve altos e baixos. Chegou à elite estadual, caiu, retornou... e transformou o próprio calvário em diversão. Neste ano, escapou da degola em Pernambuco, para "revolta" da torcida. O Atlético Mogi está hoje no fundo do poço. Quem sabe a história desse parceiro de agruras possa servir de inspiração e animar o clube a olhar para o futuro com alguma esperança. ■

EDIÇÃO: GABRIEL GROSSI

PRORROGAÇÃO

CULTURA, MEMÓRIA & IDEIAS

ALEXANDRE BATTIBUGLI

Lulinha e Willian descalços no chão de barro: na PLACAR em 2007

FERNANDO TORRES/CBF

A GÊNESE DOS C

Lulinha e Willian, pés descalços: promessas que vingaram, um mais que o outro

ALEXANDRE BATTIBUGLI

Há quinze anos, PLACAR estampou na capa duas promessas da base do Corinthians. Acertou em cheio ao prever que Willian brilharia pela seleção brasileira. Lulinha não voou tão longe

Em junho de 2007, PLACAR *fez uma de suas muitas apostas jornalísticas — pôs na capa da edição mensal dois garotos, promessas da base do Corinthians: Luiz Marcelo Morais dos Reis, o Lulinha, recém havia completado 17 anos e já brilhara no Sul-Americano sub-17 com a camisa da seleção brasileira (foi destaque e artilheiro, com doze gols, do torneio realizado em março daquele ano); e Willian Borges da Silva, que completaria 19 anos dois meses depois e já era tratado como craque (num amistoso contra o Real Madrid, a diretoria do Timão teria sido sondada para levar o menino para a Europa).*

Na época, o clube passava por uma reestruturação. Depois da rápida parceria com a MSI, o dinheiro tinha acabado e era preciso investir nos jovens para reconstruir o time. A chamada de capa da revista dava o tom: "Terrão Futebol Clube: que Kia, que nada! Só a molecada pode tirar o Corinthians da lama". Na foto, os meninos apareciam com expressão séria e as camisetas sujas... de terra. A aposta de PLACAR *se revelou ao mesmo tempo errada e certeira. Errada porque nenhum dos dois ajudou a evitar o rebaixamento do time naquele Brasileirão. Certeira porque ambos brilharam nos gramados do planeta.*

Dois meses após a publicação, Willian já estava de contrato assinado com o Shakhtar Donetsk, da Ucrânia — e lá ficou por cinco temporadas, antes de seguir para o Chelsea e Arsenal, disputar duas Copas do Mundo com a camisa canarinho e voltar, com todas as honras e glórias, para ser o 10 do Coringão, em 2021. Lulinha, por mais que não tenha chegado à seleção principal, atuou profissionalmente até o ano passado, no Brasil e outros países (Portugal, Coreia do Sul, Chipre, Emirados Árabes Unidos e Japão). Leia a seguir a íntegra da reportagem.

O TIMÃO QUE DÁ CERTO

Enquanto a MSI torrava dólares com seus galácticos, o lendário Terrão forjava outra leva de craques. Com o ocaso da parceria, cabe agora a garotos como Lulinha e Willian a tarefa de tirar o Corinthians da lama

Estevan Ciccone
Fotos **Alexandre Battibugli**

O ano era 2005. Após campanhas fracas nos Brasileiros de 2003 e 2004, o Corinthians aguardava um salvador. Alguém que chegasse com um caminhão de dinheiro e muitas promessas, como montar um timaço e realizar o sonho de ganhar a Libertadores. E foi com esse rótulo, de salvador, que surgiu o iraniano presidente da MSI, Kia Joorabchian. Empolgado, ele foi além e garantiu em um português esquisito que o clube seria o número 1 do mundo. Em seu primeiro ano, teve sucesso e calou os que o tachavam de aventureiro: foi campeão brasileiro. Mas bastou a eliminação na Copa Libertadores do ano passado para que a antiga realidade voltasse: o dinheiro sumiu, as dívidas reapareceram e os craques evaporaram. Técnicos foram trocados, assim como as eternas farpas entre parceiros e dirigentes. E a melhor mudança, quem diria, foi forçada: sem outras empresas interessadas numa nova operação de salvação, chuteiras cheias de terra passaram a alimentar a esperança da torcida.

O curioso é que, apesar de conhecido por revelar talentos, o Corinthians só se lembra disso depois de esgotar os outros recursos. Mais uma vez, foi a carência do elenco que obrigou um dos maiores patrimônios do clube a reaparecer: o Terrão, tradicional campo de base do Corinthians e que, apesar da ausência de grama, já revelou nomes como Roberto Rivellino. Hoje, forçada ou não, a importância do Terrão no Corinthians é evidente: dos 27 jogadores relacionados pelo técnico Paulo César Carpegiani para a pré-temporada em Águas de Lindoia (SP), nada menos que catorze saíram de lá.

É verdade que, agora modernizado, o Terrão ganhou novo visual — leia-se grama sintética. Ainda há quem jogue na terra batida, mas já não era assim, por exemplo, o campo onde recentemente atuavam os principais candidatos a craques corintianos: Willian e Lulinha. Símbolos da nova geração alvinegra, eles subiram ao time principal pelas mãos do técnico José Augusto, que há sete anos comanda as divisões de base do clube. Um treinador que não poupa elogios aos dois e re-

Seleção vinda da base: uma equipe de onze jogadores criados no Parque São Jorge

A capa de PLACAR de junho de 2007: a aposta na molecada ainda imberbe sobreviveu quinze anos

vela que Willian quase fez as malas em 2005: "Fomos jogar um campeonato na Espanha e vencemos o Real Madrid por 5 a 2, com dois gols do Willian. E o Real se interessou por ele. A torcida pode esperar que ele vai brilhar no Brasileirão. O Lulinha deve seguir o mesmo caminho. Eu sinto muito a falta dele no sub-17. Dando o devido tempo, tem tudo para ser um grande craque".

Até hoje, Willian não esquece o jogo citado por José Augusto: "Me lembro bem. Eu me destaquei e, depois da partida, um diretor do Corinthians veio me dizer que o Real estava interessado em mim. Não soube de propostas, mas, pela correria da diretoria para renovar comigo, acho que devia haver algum interessado". Com os jogadores saindo para atuar no exterior sempre mais cedo e a atuação dos empresários, o assédio aos garotos aumentou. Com Lulinha, pelo menos aparentemente, não foi muito diferente. "Oficialmente, acho que ainda não *(houve propostas)*. Mas, pelo que o Wagner *(Ribeiro, empresário do atleta)* me falou, houve sondagem do Barcelona e de um clube inglês."

Diante do assédio estrangeiro sobre nossos mais promissores jogadores e das evidentes carências da maioria dos elencos do Brasil, escalar precocemente os aspirantes a craque passa a fazer mais sentido. Sobretudo em um clube com tradição de revelar atletas. "É muito difícil essa questão de queimar jogador ou não. Eu responderia perguntando: quando é o melhor momento? Isso é muito relativo. Eu penso que se o jogador tem qualidade ele entra em qualquer situação e brilha", diz Paulo César Carpegiani. O raciocínio do atual treinador corintiano difere daquele do técnico anterior, Emerson Leão, que chegou a comprar briga com a torcida ao dizer que não pretendia utilizar Lulinha. Aparentemente, porém, a ideia de que o destaque do último Sul-Americano sub-17 precisa amadurecer para jogar entre os titulares do Corinthians não é só de Leão. "É muito cedo para afirmar que eles são craques. Mas o Willian já mostrou que é muito bom e vai brilhar na seleção. Já o Lulinha precisa de mais experiência, mas também terá sucesso", diz o capitão corintiano Betão.

No atual elenco, aliás, o zagueiro que está há treze anos no Parque São Jorge é o melhor exemplo de atleta que chegou do Terrão e convive com os altos e baixos do clube. "Converso muito com eles. O mais importante é não deixar o sucesso subir à cabeça, manter os pés no chão. O tratamento da torcida é diferente para quem vem do Terrão, a identificação é maior, mas se o futebol não rende a pressão é a mesma." E, pelo jeito, Betão passou a mensagem. "Não adianta nada nascer aqui e não jogar bem, porque aí a torcida pega no pé do mesmo jeito", afirma Willian. Lulinha faz coro, mas, mesmo tendo atuado pouco pelos profissionais, sentiu também a vantagem de vir do Terrão. "É diferente. Por termos nascido aqui, a torcida tem uma paciência maior. Até pela nossa idade", diz. Carpegiani, por sua vez, acredita que a principal vantagem dos garotos formados no clube é não sentir tão intensamente a diferença de uma promoção aos profissionais. "O bom é que eles sempre frequentaram o clube e quando vão para a equipe de cima não estranham. Mas é óbvio que é diferente. Eu acho que todo grande jogador, aquele que vai ser destaque amanhã, acima de tudo tem que ter personalidade. Sem isso ele não vai jogar no Corinthians."

Pode ser. Mas, antes mesmo de mostrar essa personalidade, Lulinha e Willian já despertaram a atenção de clubes do exterior. "Muitos nos ligam para perguntar dos dois. O Corinthians não tem interesse em negociá-los, mas sempre há sondagens. E o Willian é quem desperta mais interesse", afirma o diretor de futebol do clube, Ílton José da Costa.

Está claro, portanto, que ao gerenciar esses dois jogadores os dirigentes e a comissão técnica corintiana estão mexendo com um importante patrimônio do clube. E, a curto prazo, a valorização desse patrimônio será determinada pelo desempenho dos jogadores no atual Campeonato Brasileiro. "Com certeza será uma prova de fogo. Estou pronto, amadureci bastante. Já passei de ser uma promessa e daqui para a frente é mostrar a realidade de ganhar títulos", afirma um confiante Willian. ■

REBELDES COM CAUSA

Em 1982, pouco antes da Copa do Mundo na Espanha, PLACAR debatia como lidar com os atletas desobedientes, mas muito talentosos, que insistiam em correr o campo todo em busca da melhor jogada, com ou sem a bola nos pés

Em 4 de junho de 1982, às vésperas do início da Copa do Mundo da Espanha, PLACAR *trouxe para suas páginas um debate que sempre esteve presente no universo futebolístico: mais vale um atleta aplicado, capaz de seguir os combinados, ou um genioso e encrenqueiro, mas que consegue mudar a história de uma partida em um lance? Em uma frase, qual o papel do peladeiro no esporte profissional?*

A própria revista citava o maior de todos, o Anjo das Pernas Tortas, o mais incontornável ponta-direita de todos os tempos. Garrincha, ídolo eterno do Botafogo e da seleção, ganhou praticamente sozinho a Copa de 1962, no Chile, quando o Brasil se tornou bicampeão mundial. Com Pelé em campo, a seu lado, o time canarinho nunca foi derrotado. Mas é desnecessário dizer que o craque Alegria do Povo fazia tudo, menos restringir-se aos esquemas táticos previstos pelos treinadores.

No texto, foram citados outros peladeiros famosos, como o zagueiro Luís Pereira (na época em sua segunda passagem pelo Palmeiras, que só se aposentaria em 1997), o meia Biro-Biro e os atacantes Tita e Mário Sérgio – além do inglês Kevin Keegan e do alemão Karl-Heinz Rummenigge, o melhor jogador da Europa naquele momento. Aparecia também o lateral-esquerdo Junior, titular absoluto da seleção. Mas o motivo pelo qual PLACAR *trazia o debate à tona era a sequência de boas exibições do volante Toninho Cerezo, que buscava justamente entrar para o 11 titular de Telê Santana às vésperas da Copa do Mundo que seria disputada na Espanha. Com você, a polêmica: ser peladeiro é uma virtude ou um defeito (ainda que esse tipo de jogador seja cada vez mais* avis rara*)?*

As atuações de Cerezo antes da Copa surpreenderam os puristas: chuteiras de pano, rentes ao chão

PEDRO MARTINELLI

Meias arriadas, camisa para fora do calção, correria desengonçada e aparentemente desorientada. Em tudo, e por tudo, a imagem de um jogador pirata, quase um "penetra" no fechado mundo dos elegantes discípulos do nobre esporte bretão, europeu no cavalheirismo e sul-americano na picardia.

Bastaram 33 minutos, porém, no amistoso entre Brasil e Suíça, no Recife, dias atrás, para que Toninho Cerezo retirasse o termo "peladeiro" do baú das curiosidades futebolísticas e o colocasse no rol das coisas indispensáveis, e até insubstituíveis.

Os dicionários, aliás, nem sequer registram o termo, limitando-se a definir "pelada" como "futebol ligeiro, mal jogado e sem importância". Qualquer frequentador de arquibancada, no entanto, reconhecerá um peladeiro a distância, menos pela aparência do que pelo estilo, invariavelmente dispersivo, deselegante e taticamente indisciplinado.

Se um jogador corre o campo todo, avesso a esquemas predeterminados, e não se envergonha de chutar de bico ou matar de canela, ao mesmo tempo que exibe toques refinados e criatividade surpreendente, não há dúvidas de que se trata de um representante da discutida estirpe. Nos momentos mais cruéis, o torcedor adversário sempre lhe reservará o adjetivo, gritado pejorativamente: "Peladeiro!". Ânimos esfriados, porém, assentado novamente sobre a razão, o mesmo torcedor há de suspirar: "Ah, se eu tivesse esse peladeiro no meu time...".

Ninguém sabe qual é a real posição de Biro-Biro no Corinthians. Ora com a 8, ora com a 7, ora com a 11, ele aparece no campo inteiro, dando carrinhos ou lançando de curva, apresentando-se para uma tabela ou cabeceando a gol. Diante

DEUTSCHER FUSSBALL-BUND

O alemão Karl-Heinz Rummenigge: a liberdade contra esquemas de jogo inflexíveis

do seu futebol, porém, torcedores e críticos hesitam entre as qualificações de peladeiro e de craque.

E se a atuação de Cerezo contra a Suíça surpreendeu os brasileiros — pelo menos os mais puristas —, não parece ter surpreendido os suíços, que, imediatamente após a sua entrada em campo, trataram de colocar um jogador descansado com a única missão de acompanhá-lo em todos os movimentos. Desde o Mundialito, de resto, os europeus aprenderam a respeitar o craque do Galo como a indesmentível prova da criatividade e improvisação do futebolista brasileiro. "Essa criatividade e essa improvisação são heranças exatamente das peladas, uma coisa bem brasileira. Eu tenho muito orgulho de ser chamado de peladeiro", diz o ponta-esquerda Mário Sérgio, do São Paulo. Mas logo se corrige: "Na verdade, não é uma exclusividade brasileira. Alguns dos maiores jo-

Biro-Biro no Timão: ora com a camisa 8, ora com a 7, ora com a 11

SERGIO BEREZOVSKY

gadores do mundo, no momento, como Keegan e Rummenigge, também são peladeiros".

O que distingue o peladeiro dos demais? Em primeiro lugar, a busca do sentimento de liberdade, a rebeldia contra os esquemas inflexíveis. Na preparação para uma simples pelada já fica evidente esse inconformismo: enquanto os companheiros — quase sempre cabeças de bagre — levam tempo ajeitando faixas, ataduras e caneleiras, ele se limita a calçar meias e chuteiras, dispensando tudo o que possa parecer-lhe incômodo ou supérfluo. Mário Sérgio e Biro-Biro confessam que jamais usaram caneleiras, "nem mesmo ataduras". Toninho Cerezo, por sua vez, além das meias arriadas, joga com chuteiras de pano: "É para me sentir como se estivesse descalço".

Depois, vem a presença constante em todos os pontos do gramado, tabelando com toques curtos e sempre reaparecendo para receber de volta, o que provoca, no público menos atento, a impressão de que quer jogar sozinho, ser o "dono do time". Ao contrário, o peladeiro facilita as jogadas do time, fazendo o jogo fluir com facilidade e dando-lhe mais opções. "Quando faço um lançamento ou dou um passe, eu não paro. Corro na frente para receber. Aprendi que o jogador tem de jogar para a frente, não para os lados", diz Cerezo. "Quem tem um jogador fixo numa determinada posição joga só com dez", afirma Mário Sérgio. "Com um peladeiro, no entanto, joga com quinze."

Marinho Chagas, que na Copa da Alemanha foi considerado um dos

PELADEIRO
VIRTUDE OU DEFEITO?

A reportagem de junho de 1982: ainda havia espaço para a malemolência

Tita: "Estou certo de que esse é o tipo de jogador que vai sobreviver no futebol"

J.B. SCALCO

maiores jogadores do mundo, e apesar disso sempre foi, no Brasil, acusado de peladeiro, dá sua opinião: "Acho que sou peladeiro, sim, e há oito anos eu já fazia o que o Junior faz hoje com total liberdade. Só que me chamavam de irresponsável. Hoje o Junior, o Cerezo e o Edinho estão na seleção, todos peladeiros como eu. Peladeiros, mas geniais". E arremata: "Peladeiro é o jogador que não se limita a cumprir ordens táticas. Que quando sente o estalo não espera ordens do banco para criar. Que não se conforma com o jogo defensivo". O quarto-zagueiro Edinho, citado por Marinho Chagas, admite que desobedece a táticas e esquemas, na ânsia de ganhar uma partida ou virar um resultado. Mas recusa a pecha de peladeiro: "Peladeiro, pra mim, é quem dribla em excesso, não leva o jogo a sério. Eu nunca corri à toa, sempre tenho certeza do que estou fazendo".

Júlio César, ponta-esquerda do Grêmio, defende o "drible a mais": "É indescritível o prazer de bater o marcador e sem que ele espere dar mais um drible. Não faço isso para humilhar ninguém, não. Só para me dar prazer".

Talvez por isso Júlio César seja um dos raros peladeiros em atividade no futebol brasileiro, ao lado de Biro-Biro, que jamais mereceu uma convocação para a seleção. Todos os outros peladeiros famosos — Cerezo, Mário Sérgio, Edinho, Luís Pereira, Junior, Tita e Mauro Galvão — já vestiram a camiseta amarelinha, como titulares ou reservas. Todos esses e mais o "elegante" Falcão, apontado por Biro-Biro e Mário Sérgio como um dos peladeiros mais ilustres: "Joguei dois anos com o Falcão no Inter", diz Mário Sérgio. "Sempre o vi jogar desse jeito, correndo o campo todo e se apresentando sempre como a melhor opção para a tabela."

"Se todos jogarem como o Falcão", completa Biro-Biro, "salve os peladeiros!". Só que é preciso ter preparo físico para correr todo o campo. Para Mário Sérgio, o futebol atual não comporta mais jogador "especialista", capaz de executar apenas uma jogada: "O ponta que só sabe ir à linha de fundo e cruzar é uma peça a menos, é uma vantagem para o adversário, que, ao anulá-lo, anula uma parte do time". Se o Garrincha não fosse um gênio peladeiro, provavelmente o Brasil não teria ganhado a Copa do Chile, que ele decidiu praticamente sozinho. Alguém seria louco de querer enquadrar o Garrincha dentro de um esquema prefixado?

O ponteiro-direita Tita, um dos responsáveis pela grande movimentação e rotatividade do time do Flamengo, campeão mundial interclubes, concorda: "O Cruijff foi um dos maiores jogadores do mundo, um gênio do futebol. Mas, se jogasse no Brasil, certamente seria chamado de peladeiro, um jogador que não guardava posição, que não ficava preso a esquemas. E a Copa da Espanha poderá ser decidida por alguns dos maiores peladeiros do mundo, como Rummenigge e Cerezo. Sou peladeiro com muito orgulho, e estou certo de que esse é o tipo de jogador que vai sobreviver no futebol".

Desengonçados, dispersivos, deselegantes, eles continuam a correr pelos campos do mundo, sempre perto da bola, sempre jogando no ataque, sempre enfrentando a incoerência de críticos e torcedores. Pode ser mesmo que Tita tenha razão e que eles sejam os jogadores do futuro. Não basta correr, porém, nem ter excelente preparo físico. Para pertencer à categoria dos peladeiros é preciso ter algo essencial, como define Mário Sérgio ao descartar o ponta-esquerda Dirceu: "Ele se movimenta bem, mas para ser peladeiro é preciso ter talento". ■

Marco Aurélio Borba e equipe PLACAR

A ÚLTIMA BELA AZZURRA

Soa inacreditável, mas é verdade: desde o tetracampeonato contra a França, em 2006, a seleção italiana nunca mais disputou um jogo de mata-mata em Copas do Mundo. Que pena...

Luiz Felipe Castro

Já caíra a noite berlinense quando Fabio Grosso virou o pé esquerdo, deslocando o goleiro Fabien Barthez e mandando a bola dourada para o fundo das redes do Estádio Olímpico. *"Campioni del mondo"*, exclamou o locutor. O tetra na Alemanha, e lá se vão dezesseis anos, foi a última grande alegria da seleção italiana numa Copa do Mundo. Desde aquele triunfo nos pênaltis, após empate em 1 a 1 com a França, no duelo de azuis (Azzurra x Les Bleus), o time caiu duas vezes na primeira fase, em 2010 e 2014, e nem sequer conseguiu se classificar para as edições de 2018 e 2022.

Tal qual ocorrera na campanha do tri em 1982, o time chegou sob desconfiança e abalado por um escândalo de apostas ilegais, que levara ao rebaixamento da Juventus. No entanto, a *famiglia* dirigida por Marcelo Lippi se uniu e com uma interessante mescla entre o talento de Pirlo, Totti e Del Piero e o suor de Materazzi, Camoranesi e Luca Toni chegou lá. Na primeira fase, houve as vitórias contra Gana e República Checa e empate com os Estados Unidos. Nas oitavas, triunfo agônico (e polêmico), com gol de pênalti de Totti sobre a Austrália; nas quartas, uma vitória tranquila sobre a Ucrânia virou a chave: a Itália era séria candidata ao caneco. Gols de Grosso e Del Piero, na prorrogação, eliminaram a anfitriã Alemanha na semifinal, em Dortmund.

Na final, em 9 de julho, os olhos do mundo estavam voltados para Zinedine Zidane, o gênio que se despediria do futebol naquela tarde. O carrasco brasileiro abriu o placar com um toque de mágica, uma cavadinha sobre Gianluigi Buffon. A bola ainda tocou no travessão e cruzou a linha sem tocar na rede. A Itália empatou de bola parada, testada firme de Marco Materazzi. Minutos mais tarde, outra cabeçada histórica, aquela, marcaria o destino dos autores dos gols.

A decisão foi para os pênaltis e a lembrança do chute de Roberto Baggio voando sobre Taffarel ainda atormentava os italianos. No entanto, a sorte parecia estar com eles. O tiro do francês David Trezeguet, ídolo da Juventus, explodiu no travessão antes do chute derradeiro de Grosso. Euforia em Berlim, Roma, Napoli e em todos os cantos da bota. Quando a Itália viverá uma noite como essa novamente? Vai demorar. ■

ALEXANDRE BATTIBUGLI

Um Bola de Ouro incomum

Numa Copa com tantos craques, quem se consagrou foi um defensor. **Fabio Cannavaro** fez um Mundial brilhante. O troféu de melhor da Copa foi para Zidane, mas o capitão da Azzurra levou o prêmio de melhor do mundo de 2006. É até hoje o único zagueiro a receber a Bola de Ouro.

WALTER BIERI/EFE

Um time cascudo

Os campeões **Buffon, Materazzi, Luca Toni, Grosso e Totti; Gattuso, Pirlo, Camoranesi, Cannavaro, Zambrotta e Perrotta**. A Itália não tinha tantos craques como o Brasil de Kaká, Ronaldinho, Ronaldo e Adriano, nem mesmo o poder de fogo da França de Zizou, Henry e Ribéry. Mas, a seu estilo (firme na defesa e eficiente nos contra-ataques e bolas paradas), chegou lá.

JOHN MACDOUGALL/AFP

Uma nação unida

O Mundial representou a **grande festa popular em solo alemão** desde a reunificação do país, em 1990. As bandeiras germânicas e a cerveja gelada tomaram as ruas e os estádios. Já não havia mais muro, mas a Mannschaft não conseguiu chegar à decisão em Berlim. O terceiro lugar serviu como honrosa consolação.

O adeus de Bussunda

A tristeza rondou o torneio fora de campo. O humorista Cláudio Besserman Viana, o **Bussunda,** que cobria a Copa pelo programa *Casseta & Planeta,* da Globo, morreu de ataque cardíaco fulminante, aos 43 anos. Na véspera, tinha disputado uma pelada.

REDE GLOBO

LCI/AFP

Cabeça de vento... E um VAR informal?

Faltavam dez minutos para o fim da prorrogação quando **Zidane** reagiu a uma provocação de **Materazzi** sobre sua irmã com uma cabeçada no peito do italiano. O trio de arbitragem não viu nada, mas o juiz argentino Horacio Elizondo, após longos minutos, decidiu por encerrar a carreira de Zizou com o justo cartão vermelho. Até hoje, há suspeitas de que uma imagem de TV tenha influenciado a decisão, o que seria proibido, mas Elizondo garante ter sido avisado pelo quarto árbitro, sem qualquer tipo de ajuda tecnológica.

A Copa dos gênios

Nunca houve uma reunião de talentos como naquele verão alemão. Foi a primeira Copa de **Cristiano Ronaldo,** Messi, Iniesta, Robben e Tevez e a última de Ronaldo, Ronaldinho, Zidane, **Figo**, Beckham, Totti e Ibrahimovic. A bola foi muitíssimo bem tratada.

SHAUN BOTTERILL/GETTY IMAGES

A DERRADEIRA OBRA-PRIMA

O segundo gol de Ronaldo — então Ronaldinho — contra a Alemanha, na final da Copa do Mundo de 2002, talvez tenha sido o último grande momento da seleção em Mundiais, e lá se vão exatos vinte anos. É tempo demais. Relembrá-lo é aceno também à genialidade discreta do tímido Rivaldo

Tudo conspirava contra Ronaldo — então apenas Ronaldinho, porque o outro era o Ronaldinho Gaúcho. Duas cirurgias no joelho, dezessete meses sem disputar jogos oficiais, dois anos sem ser convocado. Dificilmente ele estaria na Copa de 2002, disputada simultaneamente no Japão e na Coreia do Sul. Felipão chegou a admitir, no início daquele ano, que gostaria de contar com o atacante mais pelo que ele representava do que pelo que poderia realmente fazer em campo. Pairava uma incógnita no ar. Os primeiros amistosos mostravam um jogador lento, sem ritmo, alheio, mera sombra do Ronaldo que tinha sido eleito duas vezes o melhor do mundo pela Fifa.

E então, na Copa, deu-se a mais espetacular das ressurreições do menino dentuço. Ele marcou logo na estreia contra a Turquia, na vitória de 2 a 1, de virada. Fez oito gols — nenhum deles tão memorável quando o último, o do 2 a 0 da final com a Alemanha. A jogada foi uma pintura, de toques rápidos e movimentos surpreendentes. Aos 33 minutos do segundo tempo, Ro-

Rodrigo Steiner Leães // Lance Fut
instagram: @lance_fut
site: lancefut.com

que Júnior, na intermediária brasileira, tocou de cabeça uma bola alçada pelo goleiro alemão Oliver Kahn. Cafu dominou de peito e a deixou com Kléberson, do lado direito. O meio-campista pegou uma avenida pela direita, cortou um zagueiro e tocou a bola. Rivaldo, genial, abriu as pernas e deixou que ela passasse. A bola chegou a Ronaldinho, no centro da área. O camisa 9 deu dois toques. Um para ajeitar o corpo e o outro para bater no canto à esquerda de Kahn. Ele se igualara a Pelé em gols feitos em Copas, com doze tentos — chegaria a quinze, um a menos que o maior artilheiro de Mundiais, o alemão Miroslav Klose.

É natural que a fama daquele lance inesquecível tenha caído na conta do hoje Fenômeno. Mas o próprio treinador Felipão admitiria, anos depois, a espetacular postura de Rivaldo, um sertanejo tímido por vocação, apartado da ribalta por ofício. "O Ronaldo fica bravo comigo quando eu falo, mas, na minha opinião, na parte tática da equipe, o mais importante foi o Rivaldo." Houve outras grandes deixadinhas na história do futebol, houve outros golaços em finais, mas aquele de 2002 entraria com facilidade no ranking dos cinco mais — ou quiçá entre os dois mais. Não passaria vergonha, longe disso, comparado à rede estufada por Carlos Alberto Torres depois de lindíssima linha de passe na final de 1970 contra a Itália, o 4 a 1 indelével. O gol de Ronaldo — "Rrrrrrrrrrronaldinho", na voz de Galvão Bueno, que ecoou na manhã brasileira de 30 de junho, há exatos vinte anos — carrega uma marca incômoda. Foi o derradeiro momento de puro brilho, um diamante lapidado, da seleção canarinho em Copas. É muito tempo, infelizmente. Mas ficou eternizada, como piada que o 7 a 1 de 2014 manchou, a provocação de Kahn, eleito o melhor jogador do torneio: "Para ser campeão, o Brasil precisa marcar um gol em mim". Foram dois, um deles a obra-prima desenhada nestas páginas. ■

A REVOLUÇÃO DE CRUIJFF

O craque holandês foi o primeiro adolescente a receber uma pequena fortuna de um clube de futebol, e antes de completar 18 anos já alcançara alguns acordos publicitários com vários empresários de Amsterdã

É impossível dimensionar o impacto que Johan Cruijff teve no futebol como jogador e treinador. Antes dele, é claro, houve grandes jogadores também geniais na criação e na finalização, e sua faceta como treinador significou, sobretudo, uma evolução profunda de uma ideia enraizada no passado, desde a escola de passe do futebol escocês até a matriz danubiana. Mas o impacto que o holandês teve na formação do jogador como ativo comercial foi pioneiro e único. O dinheiro existe no futebol desde sua origem, no início camuflado aos olhos externos e progressivamente extensível a todos, mas sempre em quantidades que estavam a anos-luz do que iria ser praticado no futuro. Além disso, nessa dinâmica financeira, o atleta raramente se encontrava numa posição de poder. Era um trabalhador, como qualquer outro numa fábrica ou empresa, recebendo um salário que, em alguns casos, não era muito maior do que o de um operário, fora que seu destino estava sempre nas mãos das autoridades, dos clubes e das federações. Chegar ao final da carreira, que podia durar uma ou duas décadas ou apenas meia dúzia de anos se houvesse uma lesão, obrigava os jogadores a recomeçarem a vida do zero. Johan cresceu com esse fantasma e acabou por ser a figura que colocaria um ponto-final nessa realidade. Se hoje os jogadores são pagos a peso de ouro, já não só pelos clubes, mas também por seus patrocinadores pessoais, devem-no a ele. Uma transformação protagonizada por um gênio obstinado que soube aproveitar a mudança dos tempos.

A Holanda dos anos 1960 era um país completamente diferente daquele que Johan conhecera em sua infância. O cinzentismo que rodeava a sociedade foi, pouco a pouco, dando lugar a uma nova e colorida realidade. Antes de se tornar moda em Londres, o movimento hippie e anarquista se apresentou à sociedade europeia nas ruas de Amsterdã, antecipando um mundo novo. Em maio de 1962, ocorreu na capital o primeiro *happening*, o evento "Abrir a Tumba", que visava a explorar o passado mágico da cidade por um grupo de intelectuais radicais militantes que buscavam confrontar as normas estabelecidas. Esse foi o primeiro de vários eventos organizados por elementos que mais tarde formariam o movimento Provos. O Provos era uma organização de ideal anarquista, quase exclusivamente composta de estudantes universitários, que procurava desestabilizar a sociedade conservadora holandesa com base em diversos atos provocadores que trouxessem o debate político para as ruas. O país tinha sobrevivido à II Guerra Mundial abraçado

Com Danny, a primeira namorada: depois do casamento, ele pediu que ela abandonasse a carreira de modelo

FOTOTECA JAVIER LAB/EFE

a um complexo de culpa, e começara sua reconstrução num sistema político conservador e liberal. Os ventos de mudança de ideias comunitárias e da esquerda europeia encontraram diques ideológicos da mesma forma que a água era incapaz de alagar o país desde a construção dessas barreiras de cimento. Roel van Duijn e Robert-Jasper Grootveld eram os rostos por trás dos protestos, e seu primeiro grande cavalo de batalha foi a legalização da maconha, que começava a conquistar o universo underground das principais cidades europeias, de mãos dadas, é claro, com o primeiro movimento hippie. Mas, enquanto os dois procuravam implementar suas ideias em grupos fechados, o Provos queria transformar essa nova forma de vida e impô-la à sociedade como algo tão válido como qualquer um dos valores conservadores tão arraigados nos Países Baixos.

O movimento esteve ativo por três anos e, depois de vários protestos, como a distribuição de bicicletas brancas para denunciar a invasão de milhares de automóveis no centro da cidade, atingiu seu apogeu de popularidade ao liderar a luta contra o casamento da princesa Beatriz com o aristocrata alemão Claus von Amsberg. Para muitos holandeses, o futuro marido da herdeira ao trono não era mais do que um dos militares nazistas que tinham invadido o país vinte anos antes, como parte da Wehrmacht hitleriana. O movimento ameaçou acabar com o cortejo nupcial, drogar os cavalos da carruagem real e encher as reservas de água da cidade com LSD para denunciar uma união que devolvia ao país todos os traumas que tentava esquecer. O grupo acabou derrotado por seu próprio sucesso. Em 1966, o Provos conseguiu organizar protestos de tamanha dimensão que as autoridades

REPRODUÇÃO

A turma do movimento anarquista Provos, nos loucos anos 1960: ventos de mudança

iniciaram uma política de repressão que escandalizou até os mais conservadores. Como consequência, vários políticos poderosos da administração da cidade, incluindo o presidente do município, um antigo herói da resistência, foram demitidos. O objetivo das autoridades era evitar medidas repressivas, o que abriu a porta para uma nova cultura de tolerância que transformaria Amsterdã na capital europeia da transgressão. Do tudo proibido ao tudo permitido em poucos meses, a capital holandesa se tornou um farol para o mundo e mostrou que uma forma diferente de vida era possível. O movimento elegeu dois deputados nas eleições seguintes, mas não era esse o reconhecimento que procuravam. Assim, depois da Primavera de Praga e de os movimentos de repressão soviéticos terem deixado claro que o ideal de esquerda europeu estava ainda profundamente contaminado pelo fantasma da vizinha URSS, o Provos acabou se desmembrando. O mesmo não aconteceu com a cultura hippie, que foi crescendo progressivamente e ganhando seu espaço de forma mais silenciosa. A lua de mel de John Lennon e Yoko Ono num hotel da cidade encaixou com a abertura social e o florescimento do *flower power* entre a juventude holandesa mais urbana, que terminou no início dos anos 1970 se chocando com a profunda crise econômica que impediu o maior crescimento vivido pelo país — e pela Europa — por longas décadas. Para o jovem Johan, nenhum desses movimentos despertava particularmente sua simpatia.

Muitos pensadores do país consideram que a única pessoa que realmente percebeu os anos 1970 foi Cruijff. Ele era, para os holandeses, a versão local de John Lennon, uma figura rebelde, jovem e transgressora que detestava a autoridade e mobilizava a juventude. Mas ambos não podiam ser mais opostos. Lennon era um artista, Johan um pragmático. Lennon defendia vários ideais claramente progressistas, enquanto Cruijff era assumidamente conservador em seus valores familiares e pragmático em suas decisões políticas. Entendia que o lugar das mulheres era em casa — um dos primeiros acordos que alcançou com Danny depois de se casarem foi que ela deixasse de trabalhar como modelo, ajudando-a a abrir uma loja de roupas na zona mais elitista de Amsterdã, para que se mantivesse ocupada enquanto ele estava fora da cidade com o Ajax. Preocupavam-lhe muito pouco os ideais dos anarquistas ou hippies pelo bem comum. Sua primeira e principal preocupação era ele próprio e seu futuro econômico. Johan era filho da II Guerra Mundial, tinha visto a pobreza com os próprios olhos. Apesar de Betondorp ter sido um local perfeito para crescer, era um bairro operário, humilde e onde existiam privações. O fato de a mãe ter tido de vender a loja de frutas após a morte de Manus, passando os dez anos seguintes como empregada doméstica, causou nele uma marca profunda. Sabia que a realidade cotidiana dos cidadãos era muito mais dura do que o romantismo dos discursos políticos parecia ser capaz de entender. Ninguém ia se preocupar com ele como indivíduo dentro de um discurso coletivo, assim, teria de ser sempre ele a defender seus interesses sobre quaisquer outros. E isso porque Johan era e tinha sido sempre um privilegiado.

Cruijff foi o primeiro adolescente a receber uma pequena fortuna de um clube de futebol, e antes de completar 18 anos já alcançara alguns acordos publicitários com vários empresários de Amsterdã de origem judia que eram também fervorosos apoiadores do

Ajax. Para tirar fotografias à porta de estabelecimentos comerciais quando dava entrevistas, Johan conseguia, muitas vezes, descontos ou produtos grátis, e rapidamente percebeu a importância de sua imagem. Também foi sempre muito consciente de seu valor como atleta, algo que outros grandes jogadores holandeses de sua geração, como Piet Keizer, nunca souberam explorar de verdade. A cada renegociação de contrato com o Ajax ele utilizava todos os argumentos possíveis para melhorar suas condições, desde se ausentar dos treinos simulando lesões até ameaçar assinar com o eterno rival Feyenoord, que sempre esteve à espreita da possibilidade de levá-lo para o De Kuip. A obsessão de Cruijff com o dinheiro foi crescendo à medida que o futebol e a sociedade da década de 60 mudavam profundamente.

Em 1962, o futebol inglês aboliu o salário máximo que os atletas podiam receber. Até então, independentemente do valor de um jogador, ele nunca poderia ganhar mais do que esse teto permitia, o que dificultava, muitas vezes, as transferências de jogadores. Quando aconteciam, os atletas recebiam quase sempre por baixo da mesa ou assinavam com a promessa de que o clube os ajudaria a montar um negócio, como uma loja de esporte, um bar ou uma tabacaria, os estabelecimentos comerciais mais comuns entre jogadores aposentados. Nos países do sul da Europa, como Espanha e Portugal, os regimes ditatoriais fascistas faziam do negócio do futebol uma questão de Estado e ou proibiam seus melhores atletas de saírem para outros países, declarando-os "bem nacionais", tal como aconteceria no Brasil ou na Argentina — o que impediu Pelé de sair do Santos ou Eusébio, do Benfica —, ou fechavam as portas para a entrada e a saída de jogadores no mercado de transferências.

EPA PHOTO/ANP FILES

O casamento da princesa Beatriz com o alemão Carl von Amsberg: acusação de nazismo

A Holanda dos anos 1960 ainda dava os primeiros passos rumo a uma verdadeira profissionalização, mas, enquanto uns engatinhavam, Johan já corria. Até o fim da década, o jogador assinaria os primeiros contratos com patrocinadores pessoais. Um dos pioneiros foi a marca de calçado Puma. Os alemães eram uma das principais empresas esportivas do mundo e rapidamente conseguiram convencer o jovem adolescente a assinar um contrato com eles com a intermediação do seu companheiro Klaas Nuninga. As vendas da marca na Holanda eram geridas pela agência de representação Cor du Buy, e o primeiro contrato não incluía uma remuneração, mas sim receber calçado grátis sempre que necessário.

Esse era o contrato para jogadores profissionais, mas Johan não estava satisfeito. Sem que Nuninga soubesse, meses depois apresentou-se pessoalmente no escritório da firma para solicitar um novo acordo. Ofereceria exclusividade absoluta à marca alemã, mas, em troca, teria de receber um valor fixo e uma porcentagem nas vendas do modelo que ele utilizasse. A companhia ofereceria uma chuteira com seu nome e ele receberia 1,75 florim para cada par vendido. Até o modelo estar disponível, ele calçaria as mesmas que o gênio moçambicano Eusébio usava, com seu nome bordado na parte lateral. Nunca um jogador na Holanda tinha feito um acordo assim, e Cruijff foi fiel à sua palavra. Sabendo que, no início dos jogos, era habitual que os fotógrafos o procurassem, ele aproveitava esse momento para amarrar o cadarço das chuteiras para exibir o logo da marca de forma clara.

Essa negociação foi conduzida pelo próprio Johan, que, com 20 anos, já demonstrava ter herdado as habilidades comerciais que sua família apresentava havia gerações. Com um de seus primeiros salários, decidiu inaugurar duas lojas de roupa esportiva e colocar seu irmão Henny como responsável. Henny tinha abandonado sua carreira promissora e iria se transformar, nesses anos, em seu grande apoio. A loja era parecida com aquela em que Johan tinha trabalhado como adolescente e vendia produtos de marcas distintas, com destaque para o material que ele utilizava no Ajax. Sempre que podia, dava entrevistas à imprensa nas imediações do estabelecimento para que a sessão fotográfica incluísse uma foto à porta e uma referência à localização do espaço em Watergraafsmeer, um dos principais bairros comerciais da cidade. Mas esses eram os negócios habituais que os jogadores de futebol praticavam havia décadas, apesar de que, nisso também, Johan demonstrou ser mais precoce que muitos de seus colegas. Sjaak Swart, por exemplo, tinha sua loja de material esportivo, mas só a inaugurara aos 25 anos. O sucesso do Ajax e os bônus por vitórias haviam ajudado Johan a investir em projetos que outros jogadores, talvez até com seu talento, nunca tinham sido capazes de colocar em prática até serem veteranos. E se o adolescente de Betondorp mostrou ser um hábil homem de negócios, sua vida mudou de verdade quando conheceu Danny. Ou melhor, quando conheceu Cor, o pai de Danny.

Em 1967, o casal de adolescentes começou a se relacionar de forma mais íntima e, depois de Johan ter vivido uns curtos mas intensos anos nos principais locais noturnos da noite de Amsterdã em Leidseplein, relacionando-se com dezenas de mulheres e se tornando um autêntico sex symbol da juventude holandesa, ele entendeu que encontrara nessa jovem modelo exuberante a mulher de sua vida.

Danny tinha vários pretendentes e a relação seguiu seu curso de forma estável, mas lenta. E quem realmente percebeu o potencial de Johan foi o pai dela, Cor Coster. Empresário havia vários anos, conhecido no meio por seus métodos pouco ortodoxos, o futuro sogro era um desses homens independentes que Johan tinha crescido admirando profundamente. De certa maneira, era um Manus a quem a vida tinha tratado melhor e com um faro comercial mais apurado. A conexão entre ambos foi imediata e duraria toda a vida, apesar de alguns pequenos sobressaltos. Novamente, dessa vez em Cor, o jovem Johan encontrava a figura paterna que tanto lhe faltara, e a forma como admirava o modo como Coster conduzia seus negócios levou o jogador a tomar a decisão de lhe entregar as chaves de sua carreira.

Johan não se considerava um simples jogador. Ele era um artista, alguém que utilizava o corpo como expressão de seu trabalho, como um ator de cinema

O primeiro passo foi acompanhar Johan em uma reunião com o clube para renegociar seu contrato. No futebol dos anos 1960, não existiam agentes de jogadores. Havia personalidades que atuavam como intermediários ou facilitadores em transferências, mas, quando um atleta negociava com o clube, fazia-o de forma independente, o que Cruijff entendia como uma desvantagem. Um atleta numa mesa com quatro ou cinco dirigentes era um cenário que convidava claramente o clube a levar sempre a melhor, nem que fosse por desconhecimento do jogador sobre seus direitos e seu valor real. A direção de Jaap van Praag, ao ver Cor na mesa, recusou-se a se reunir com Cruijff. Não estavam habituados a um interlocutor que não fosse o jogador e não iam abrir uma exceção. Tanto Cor como Johan estavam preparados para essa resposta e, em vez de acatarem as normas, algo que Cruijff jamais fez de bom grado, simplesmente disseram ao presidente que esperariam até ao fim do contrato para assinar com o Feyenoord, que já lhes tinha feito uma excelente proposta. Ela não existia, é claro, pelo menos, não naquela ocasião — e foram várias as vezes que Coster utilizou esse argumento —, mas o medo de perder sua grande estrela para o maior rival foi decisivo. Coster se sentou à mesa e renegociou o melhor contrato que um jogador de futebol já tinha visto no país. Seria o início de uma longa história de negociações de sucesso do homem que, meses depois, seria oficialmente seu sogro.

A ideia por trás de tudo o que viria depois partia da premissa de que Johan não se considerava mais um simples jogador, um operário do futebol, como os atletas eram tratados. Ele era um artista, alguém que utilizava o corpo como expressão de seu trabalho da mesma forma que um ator de cinema. Sua imagem era tudo. Se os atores recebiam fortunas para aparecer nos filmes, ele também exigiria o mesmo tratamento para assinar com os clubes. Se os atores tinham

PA IMAGES/GETTY IMAGES

O genial irlandês George Best *(de braço erguido)*: um hedonista absoluto, ao contrário de Cruijff, que não queria saber de dinheiro

contratos publicitários que dependiam de sua imagem para vender, Cor Coster queria exatamente o mesmo para seu genro. Cruijff nasceria como uma marca comercial no verão de 1969.

Com apenas 22 anos, ele não tinha conquistado ainda um título europeu, somente três ligas holandesas. E sua seleção tivera desempenhos decepcionantes. No entanto, a cruijffmania era uma realidade para a juventude holandesa, e genro e sogro souberam entender, antes dos demais, que os adolescentes e os jovens adultos que saíam da década de 60 eram o futuro.

Até essa época, o conceito adolescente nem sequer existia. Quando a qualidade de vida na Europa atingiu seu ponto mais alto, depois dos anos de penúria do pós-guerra, o dinheiro começou a fluir com maior facilidade. Os adolescentes já não tinham de abandonar a escola para trabalhar e, se o faziam, não precisavam dar todo o dinheiro que ganhavam aos pais. Com o que ficavam podiam se divertir. Como? Muitos compravam discos e davam o empurrão necessário para o sucesso da cultura pop, que, com os Beatles e os Rolling Stones, atingia seu ponto mais criativo. Outros iam ao cinema e devolviam parte da aura perdida às grandes estrelas da Europa e dos Estados Unidos. Outros tantos iam ao futebol, mas já não como um exercício de descarga emocional depois de uma dura semana de trabalho, como a cultura operária fizera até então. Para essa nova geração, o futebol era um exercício de paixão hedonista. Paixão pelo clube ou por uma estrela individual, e não estavam dispostos a pagar para ver um jogo duro, defensivo e aborrecido. Queriam ser entretidos com espetáculo, gols fantásticos, jogadas eletrizantes e atletas que faziam do inesperado sua maior virtude. Só dois jogadores no mundo naquele momento ofereciam isso, com a vantagem de serem jovens, atraentes e despreocupados: George Best e Johan Cruijff.

Best, ao contrário de Cruijff, não queria saber de dinheiro. Ele, sim, era um hedonista absoluto. Tivera uma infância problemática na sua Belfast natal e sua relação com Matt Busby, treinador do Manchester United, era de adoração absoluta. Até 1969 comportou-se sempre de forma exemplar, mas quando o veterano treinador anunciou sua aposentadoria, o atacante olhou à sua volta e viu um projeto à deriva. Não tinha coragem de abandonar o United, mas perdeu a motivação que o levara a ser, talvez, o melhor jogador do mundo. Entregou-se, então, à diversão noturna, a múltiplas relações com atrizes e modelos e ao álcool. Sua carreira ficou destruída e todo o potencial comercial que tinha foi se esvaindo com os anos.

Johan não seguiria por esse caminho. Era um homem profundamente familiar, tinha os pés bem fincados no chão e contava com um assessor de negócios que iria sempre lhe mostrar a melhor via para continuar aumentando seu patrimônio. Ele, sim, saberia pegar a onda da nova geração e entender o rumo social que os anos 1960 provocariam além das manifestações dos hippies e anarquistas que desprezava. Cruijff compreendeu que a década anterior, além de todo o romantismo, trouxera o dinheiro para a primeira linha da

conversa. Já não era algo sujo que não pudesse ser mencionado. Os profissionais poderiam ser ambiciosos em vez de se sentirem quase envergonhados por ganhar mais do que os operários que assistiam a eles no fim de semana. Aliado a isso tudo estava o avanço das tecnologias, com a televisão na crista da onda, que mostrava o potencial de um maravilhoso mundo novo de oportunidades para ser descobertas fora das fronteiras da Holanda. Assim, vencer títulos europeus com o Ajax se tornou uma dupla obsessão, tanto pelo reconhecimento esportivo que ele buscava quanto por seu potencial financeiro para novos contratos em diferentes locais.

A carreira do adolescente Johan terminou nesse preciso momento. A partir daí, ele seria um adulto e olharia para seu futuro como um homem de negócios. Todas as suas decisões iriam ser pautadas por esse pensamento, de tal forma que não teria problemas em anunciar na televisão que era torcedor do Ajax, mas que esse fato ficava fora da sala de negociações com o clube. Nessa sala, quando se sentava em frente ao presidente, era um profissional à espera das melhores condições. Caso contrário, não teria nenhum problema em abandonar o clube de seu coração.

Durante décadas, Cruijff foi, para milhares de fãs, a representação do futebol romântico, talvez devido ao seu estilo de jogo e ao seu aspecto, que recuperava essa nostalgia dos anos 1960. Na realidade, Johan foi o primeiro profissional moderno, o homem que assentou as bases sobre as quais todos os negócios milionários do futuro seriam desenhados. De certa maneira, antecipou Diego Maradona, Ronaldo Nazário, Cristiano Ronaldo e Neymar Jr. Sua relação com Cor Coster abriu as portas para uma nova estirpe de profissional, de tal forma que os futuros Josep Minguella, Jorge Mendes, Mino Raiola não seriam mais do que uma evolução de sua forma de trabalhar e pensar a respeito do papel do jogador numa economia global. Cruijff mercantilizou tudo o que pôde, enquanto, para muitos, o jogador ainda atuava por amor ao esporte. Ajudou também a transformar o marketing numa realidade para milhares de atletas em toda a Europa. Seu exemplo fez escola e, à medida que os anos avançavam, os jogadores foram percebendo que teriam de atuar como ele se quisessem ser respeitados como profissionais e, sobretudo, se quisessem fazer dinheiro com o esporte para ter um fim de carreira tranquilo e longe de problemas financeiros. Os próprios colegas de equipe, que, mais tarde, no fim de sua passagem pelo Ajax, criticariam sua veia comercial, foram os primeiros a ser beneficiados, e todos, em maior ou menor medida, conseguiram melhores contratos com o clube, mais patrocinadores pessoais e ótimos investimentos. Muitos deles passaram a ser representados pelo próprio Coster, que acabou como o primeiro agente de sucesso do futebol de elite mundial durante os anos 1970, apesar de nunca ter se apresentado como tal. O mesmo aconteceu quando Johan chegou a Barcelona, cidade de um país que ainda vivia sob uma ditadura, mas cuja abertura após a morte de Franco e a mudança de regime ofereceram uma nova visão de negócio aos profissionais que não tinham até então sequer direitos. Pouco a pouco, foram surgindo nas principais ligas europeias novos Cruijff, seja pela forma como conduziam a carreira de homens de negócios, além de suas paixões esportivas — como Kevin Keegan, pioneiro no Reino Unido, com muitos contratos publicitários, e que viajou até Hamburgo, da mesma forma que Cruijff foi até Barcelona, para assinar um contrato economicamente impossível de melhorar no futebol inglês —, seja pela forma mais desafiadora com que gerenciavam a vida deles. Alguns foram considerados problemáticos e pagaram um preço elevado por seguir o exemplo de Cruijff e da nova mentalidade social dos anos 1970, particularmente no Reino Unido, onde os clubes ainda detinham muitíssimo poder. Outros tiveram mais sucesso e fizeram da carreira esportiva algo maior graças a essa atitude rebelde, como o francês Jean Rocheteau, o português Vítor Baptista e o alemão Bernd Schuster. Todos eles, de uma forma ou de outra, deviam tudo ao pioneirismo de Cruijff, o primeiro jogador que não teve medo de dizer que, para ele, como trabalhador, o dinheiro estava à frente de valores como o amor à camisa, a paixão de torcedor e o sentimento de honra. ■

Johan — A Anatomia de um Gênio,
de Miguel Lourenço Pereira; Editora Corner; 460 páginas; 69,90 reais; clubecorner.com.br

NUNCA MAIS O PRETINHO BÁSICO

Por muitos anos, os pés dos craques só calçavam chuteiras de couro, na cor preta. Hoje, é quase impossível encontrar pares que não sejam coloridos, tanto nos estádios quanto no society

Seja nos campeonatos profissionais, seja na grama sintética que a turma aluga por hora depois do trabalho, já faz algum tempo que as chuteiras pretas se tornaram raridade. Hoje são vintage ou raiz. Até os anos 1970 só dava elas — no máximo, uma faixa, uma listra ou o logotipo do fabricante, sempre um detalhe branco sobre o couro negro. Consta que o primeiro a usar um par de outra cor (no caso, branco também) foi o meia inglês Alan Ball. Campeão do mundo com a seleção de seu país em 1966, ele foi contratado pela marca alemã Hummel, que queria lançar chuteiras brancas. A estreia foi em 1970, quando o Everton conquistou a Supercopa em cima do Chelsea, e a iniciativa revelou-se muito bem-sucedida, com vendas em alta.

Aqui no Brasil, dois irreverentes goleadores são considerados pioneiros na adoção dos modelos diferentes, na década de 1980. Em seus primeiros anos como atacante do Corinthians, Casagrande, hoje comentarista da Globo, jogava com uma chuteira branca da Puma. E Serginho, o Chulapa, surpreendeu a torcida do Santos com um pisante vermelho da Pony. Em 1982, PLACAR publicou reportagem mostrando como a Adidas e a Topper também estavam nessa briga para conquistar os pés dos nossos craques — nos primórdios do marketing esportivo.

Na Copa de 1994, o belga Enzo Scifo e o italiano Dino Baggio atuaram com pares produzidos pela Diadora com as cores das camisas de seus países. Quatro anos depois, Ronaldo literalmente brilhou com o primeiro modelo Mercurial, da Nike, em tons de prateado, azul e amarelo (a foto do Fenômeno com as chuteiras penduradas no pescoço após a derrota para a França, na final, é inesquecível). De 2006 para cá, só o que se vê (nos gramados e nas lojas) são chuteiras multicoloridas, feitas com todo tipo de material — dizem que tem até algumas de couro. E os jogadores negociam com as marcas patrocínios que podem chegar à casa dos milhões de dólares. ■

J.B. SCALCO

Casagrande e seu pisante branco nos anos 1980: de lá para cá, só o que se vê é a invasão multicor *(abaixo)*

KIN SAITO/CBF

A METÁFORA DA VIDA

A Falta, o novo romance do escritor e jornalista Xico Sá, tem como protagonista um goleiro que reflete sobre a existência e suas angústias ao longo dos noventa minutos de uma partida de futebol. O autor se inspirou em uma galeria de ídolos, entre os quais estão o amaldiçoado Barbosa e o idolatrado Yashin

Alessandro Giannini

Por onde ele passa, no campo de jogo, não nasce grama. É o único jogador que pode pegar a bola com a mão dentro do retângulo ao qual fica confinado. Pode ter um desempenho impecável durante 89 minutos de uma partida, mas, se falhar nos derradeiros sessenta segundos, inevitavelmente cairá em desgraça. Nas peladas e catadões, é o posto maldito, destinado em geral ao menos talentoso com a redonda nos pés. Essa figura singular, que pode ir de herói a vilão miserável num estalar de dedos, é o goleiro, personagem principal de *A Falta,* o novo romance do escritor e jornalista Xico Sá, lançado recentemente pela Tusquets, selo da editora Planeta.

No livro, que inicialmente ostentava o subtítulo *Memórias de um Goleiro,* o protagonista volta da Espanha, já em final de carreira. Durante o jogo que pode ser a sua despedida, Yuri Cantagalo se vê em desespero com o sumiço repentino da mulher. "Deixei só *A Falta* porque queria imprimir essa dubiedade, que remete ao futebol e ao sentimento causado pela ausência", disse Sá, em entrevista a PLACAR, em seu apartamento no bairro do Sumaré, na Zona Oeste de São Paulo.

Narrada como um fluxo de pensamento, a história se passa durante os noventa minutos de uma partida em que o leitor con-

Esquecido na neblina: Sam Bartram guarda o gol do Charlton contra o Chelsea, em dezembro de 1937

PA IMAGES/GETTY IMAGES

ARQUIVO PESSOAL

O escritor e jornalista Xico Sá: "Goleiro é um bicho estranho no campo de jogo"

segue enxergar o que se passa na mente do personagem, com direito a intervenções externas, como o comentário dos narradores, os gritos da torcida e muito mais. São duas partes, o primeiro e o segundo tempo, intitulados respectivamente "Hemisfério Norte" e "Hemisfério Sul". Cada capítulo corresponde a um minuto do jogo, o que faz deles narrativas curtas, pensamentos misturados com registros de eventos ao redor.

A Falta, *de Xico Sá. Editora Planeta/Selo Tusquets; 160 págs.; 47,90 reais e 27,90 reais em e-book*

Santista apaixonado, Sá conta que sempre foi fissurado pela figura do arqueiro. O jornalista, que começou carreira como cronista esportivo e até trabalhou como freelancer para PLACAR, via no personagem toda a angústia do teatro do jogo. O Brasil tem, segundo ele, um histórico de arqueiros desgraçados por tragédias, como o famigerado e injustiçado Barbosa, da seleção brasileira de 1950, protagonista do Maracanazo que decidiu a Copa daquele ano e deu a taça ao Uruguai. Há até os que foram esquecidos no campo, como o britânico Sam Bartram, que em 25 de dezembro de 1937 não percebeu a interrupção da partida contra o Chelsea e ficou, envolto em brumas, guardando diligente a meta de seu Charlton. "O goleiro é essa figura mitológica que carrega tudo isso", disse o autor.

A carreira futebolística do escritor argelino Albert Camus (1913-1960) foi uma referência. Antes de se consagrar como autor de *O Estrangeiro* e *A Peste,* Camus foi goleiro do Racing, em Argel. Sá relacionou o aspecto existencialista das obras do autor com toda a carga que recai sobre os ombros do guarda-metas. "Eu junto todo esse caldo do que representa a figura do goleiro, como essa imagem angustiada, e levo isso para o romance", explica ele. "Tinha obsessão de fazer um romance com um goleiro como personagem."

Outros goleiros serviram de modelo para o personagem de *A Falta*. Até aquele que é considerado o maior ocupante da amaldiçoada posição, o russo Lev Yashin (1929-1990), porteiro do Dínamo de Moscou e da seleção da União Soviética. Apelidado de Aranha Negra em razão de seu uniforme todo preto, Yashin passou férias no Rio de Janeiro em 1965, quando chegou a treinar na Gávea, com o uniforme do Flamengo, para manter a forma. "No livro, o personagem suspeita que seria filho do Yashin, por causa desse episódio das férias dele no Brasil", conta Sá.

Os brasileiros Manga, que tem 85 anos e hoje vive no Retiro dos Artistas, no Rio de Janeiro, e Castilho, o mítico goleiro que nos anos 1950 teria amputado um dedo para poder jogar pelo Fluminense, também fazem parte da galeria que inspirou o protagonista do romance. No livro, o personagem confessa: "Simplesmente deixei de fazer do meu ofício uma pedante metáfora para a existência. Entendo: ser goleiro é a coisa mais parecida com o ato de estar vivo — não preciso, porém, repetir tal obviedade a cada respiração". Ou seja, não pode falhar, não tem direito ao perdão. "É um personagem no qual dá para jogar todo o drama da existência", diz Sá. "A escolha foi muito por aí." É leitura extraordinária. ■

PAULO CEZAR CAJU

A FUNÇÃO DOS MAIS EXPERIENTES

O trabalho psicológico da turma mais antiga é fundamental: se eles te cercam de carinho e te incentivam, é impossível dar errado

> **Hoje o mercado é mais agressivo porque até os empresários influenciam nas convocações**

Para não escrever bobagem, fui dar uma pesquisada e descobri que Coutinho, do Santos, um dos maiores centroavantes de todos os tempos, estreou no time principal aos 14 anos, substituindo Pagão, que se machucava muito. Eu achava que tivesse sido aos 15. Transformou-se no maior parceiro de Pelé, que aos 17 anos já brilhava na seleção brasileira. Dá para citar vários outros casos de jogadores jovens que foram incentivados por seus técnicos a acreditar no seu potencial. Eu mesmo fiz minha estreia no futebol colombiano aos 16 e, meses depois, marquei três gols na final da Taça Guanabara, contra o América, no meu primeiro jogo pelos profissionais do Botafogo.

SEBASTIÃO MARINHO

"Eu e Zagallo na Copa do México: como bom sub-70, continuo batendo um bolão"

Na seleção brasileira, fui convocado pela primeira vez aos 18 anos. O lateral Marco Antônio, meu compadre, foi campeão do mundo aos 19. Hoje vira notícia quando algum jogador de 16 anos é escalado. Ouve-se de tudo: "Vai queimar o moleque", "Não pode queimar etapas", "Precisa de mais experiência". E o que acontece é que muitas vezes preservam tanto o diamante que a carreira dele desanda e a fruta apodrece no pé. É duro ficar no banco assistindo a um titular menos talentoso ganhando chances e mais chances. Me irrita essa história de convocar um jovem bom de bola apenas para que ele conviva com os jogadores mais experientes. Alguns nem no banco ficam. Quando eu cheguei ao Botafogo, com 16 anos, fui abraçado pelas feras assim que elas notaram algum talento em mim. Gérson foi o primeiro a impedir que eu atuasse pelo juvenil. Depois da final da Taça Guanabara, viajei para uma excursão com os titulares, joguei e nunca mais saí. Esse trabalho psicológico é função dos mais experientes. Se eles te cercam de carinho e te incentivam, é impossível dar errado. Mas hoje o mercado é mais agressivo porque até os empresários influenciam nas convocações.

Recentemente, virou debate a convocação de Danilo, de 21 anos, por Tite. Convocou e nem no banco ficou. Me falaram que Danilo é muito tímido e dificilmente vai criar problema. Mas o futebol virou essa chatice de sub 7, 8, 9, 15, 16, 18, os jogadores, em geral, têm muitas frescuras e precisam cumprir um monte de etapinhas. Só sei que eu, um bom e velho sub-70, continuo batendo um bolão. ■